

Fraternidade e Fome

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023



**"Dai-lhes
vós mesmos
de comer!"**

[Mt 14,16]

2 de abril - Domingo de Ramos: Coleta Nacional da Solidariedade



TEXTO-BASE



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

Tema: Fraternidade e fome

Lema: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mt 14,16)



Direção-Geral:

Mons. Jamil Alves de Souza

Subsecretário-Geral para as Campanhas da CNBB:

Pe. Patriky Samuel Batista

Assessor para as Campanhas da CNBB:

Pe. Jean Poul Hansen

Colaboração:

Mariana Aparecida Venâncio

Edição:

João Vítor Gonzaga Moura

Revisão:

Vinicius Pereira Sales

Arte do Cartaz da CF 2023:

Luiz Lopes Jr.

Projeto Gráfico, capa e diagramação:

Henrique Billygran Santos de Jesus

Impressão e acabamento:

Foxy Editora Gráfica

Edições CNBB

SAAN Quadra 3, Lotes 590/600

Zona Industrial – Brasília-DF

CEP: 70.632-350

Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019

E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br

www.edicoescnbb.com.br

C748c CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2022.

Campanha Fraternidade 2023: Texto-Base
100p.: 14 x 21 cm
ISBN: 978-65-5975-122-8

1. CNBB;
2. Campanha da Fraternidade 2023;
3. Fraternidade e fome.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	5
APRESENTAÇÃO	6
OBJETIVOS	9
Objetivo Geral.....	9
Objetivos Específicos.....	9
ORAÇÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023	10
HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023	11
INTRODUÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE	12
INTRODUÇÃO AO TEMA DA CF 2023	14
I - Na fonte da PALAVRA	18
II - VER a realidade da fome	24
O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA).....	25
Os números da fome no Brasil.....	28
As causas da fome no Brasil.....	30
A geopolítica da fome no Brasil.....	36
Fome e sede.....	37
Fome e crescimento demográfico.....	38
Fome e moradia.....	39
Consequências da fome.....	41
Fome e política.....	44
Fome e cuidado com a Casa Comum.....	46
Fome e Educação.....	49

O muito que se tem feito no combate à fome.....	51
A Economia Solidária.....	55
A Economia de Comunhão.....	56
A Economia de Francisco e Clara.....	57
Onde todos são irmãos não há lugar para a fome.....	59

III - ILUMINAR com a luz da Palavra.....

“Sim, eu conheço seu sofrimento” (Ex 3,7).....	61
Um caminho orientado por Mateus.....	64
“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16).....	66
Um novo Moisés.....	69
Um novo Eliseu.....	71
A Igreja que distribui a Eucaristia partilha, também, a compaixão.....	72
Eucaristia e responsabilidade social.....	74

IV - AGIR para transformar a realidade da fome.....

CONCLUSÃO.....

ANEXOS.....

Anexo 1 – Documentários, filmes, músicas e poesias sobre a fome.....	94
Anexo 2 – Fundo Nacional de Solidariedade (FNS).....	97

LISTA DE SIGLAS

CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i> : Código de Direito Canônico
DAp	Documento de Aparecida
FT	<i>Fratelli tutti</i>
GeE	<i>Gaudete et exsultate</i>
GS	<i>Gaudium et spes</i>
LS	<i>Laudato si'</i>
NMI	<i>Novo millennio ineunte</i>
RH	<i>Redemptor hominis</i>
SCa	<i>Sacramentum caritatis</i>
VD	<i>Verbum domini</i>

APRESENTAÇÃO

A Campanha da Fraternidade é o modo brasileiro de celebrar a Quaresma. Ela não esgota a Quaresma. Dá-lhe, porém, o tom, mostrando, a partir de uma situação bem específica, o que o pecado pode fazer quando não o enfrentamos. Por isso, a cada ano, recebemos um convite para viver a Quaresma à luz da Campanha da Fraternidade e viver a Campanha da Fraternidade em espírito de conversão pessoal, comunitária e social.

Este ano, com o tema “Fraternidade e Fome”, somos convocados a considerar a fome como referência para nossa reflexão e nosso propósito de conversão. Temos, sem dúvida, fome de Deus. Desejamos estar com Ele e poder participar de seu amor e de sua misericórdia. Temos fome de paz, fraternidade, verdade, concórdia e tudo mais que efetivamente nos humaniza. Durante o tempo da pandemia, no qual, por medidas sanitárias que buscavam nos preservar, não pudemos ir às igrejas para comungar, sentimos fome do Pão do Céu.

A fome, bem sabemos, é um ato de preservação. É um sinal para que não nos distraíamos quando nosso organismo sente falta do necessário para viver. O que ocorre, porém, quando o alimento não chega a todo ser humano? O que faz uma sociedade ter filhos e filhas a quem, embora busquem, clamem, gritem e chorem, não chega o alimento? Por isso, a fome é também um desafio social, humanitário, uma situação que não se pode deixar de enfrentar, pois a fome de uns – a fome de uma só pessoa! – onera a todos nós, onera a sociedade inteira. Cada ser humano que não encontra o necessário para se alimentar é, em si, um questionamento a respeito dos rumos que estamos dando a nós mesmos e à nossa sociedade. A fome é um dos resultados mais cruéis da desigualdade. Afeta inicialmente os mais necessitados. Atinge, contudo, a todos, diz respeito à sociedade inteira. Esta é a razão pela qual o Papa Francisco, sem rodeios, afirma que “não há democracia se existe fome”.¹

1 Cf. FRANCISCO. Mensagem ao diretório argentino do Comitê Pan-Americano de Juizes pelos Direitos Sociais e a Doutrina Franciscana, 2 de outubro de 2021.

E o Brasil sente fome. Milhões de brasileiros e brasileiras experimentam a triste e humilhante situação de não poder se alimentar nem dar aos seus filhos e filhas o alimento indispensável a cada dia. Por isso, a CNBB apresenta, pela terceira vez, o tema da fome para a Campanha da Fraternidade (1975, 1985 e 2023).

Ao falar da vida eterna, Jesus utilizou a imagem do banquete (Mt 22,2), mostrando-nos que o desejo do banquete eterno deve se traduzir em atitudes de compromisso com uma sociedade em que o alimento esteja em todas as mesas. Jesus teve compaixão da multidão faminta (Mt 14,14-21). Embora os discípulos apontassem a solução de deixar o problema nas mãos de quem corria o risco da fome, Jesus abre os olhos e os corações destes mesmos discípulos para que não se justifiquem diante da impossibilidade, mas compreendam que a mudança da realidade começa com eles, em escuta ao Senhor, que lhes ordena darem, eles mesmos, à multidão, o que comer. Jesus indica outra maneira de compreender as interpelações que a vida nos traz. Ultrapassando a lógica imediata, Ele aponta para a necessidade de agir conjuntamente, ainda que as dificuldades sejam grandes e os recursos pequenos. Quando acolhemos o mandamento do Senhor, nosso modo de compreender os desafios torna-se outro e o resultado é infinitamente maior.

Que, portanto, esta Quaresma seja vivida em forte espírito de solidariedade. Que nosso jejum abra nosso coração aos irmãos e irmãs que sofrem com a fome. Que nossa solidariedade seja intensificada. Que saibamos encontrar soluções criativas para a superação da fome, seja no nível mais imediato, assistencial, seja no nível de toda a sociedade. Que efetivamente se cumpra a responsabilidade dos governantes, em seus diversos níveis, concretizando políticas públicas, principalmente as de estado, que atinjam a raiz deste vergonhoso flagelo, garantindo não apenas a produção de alimentos, mas também que eles cheguem a cada pessoa, em especial as mais fragilizadas. Que o Senhor Jesus nos possa um dia dizer: “Vinde (...) eu estava com fome, e me destes de comer; todas as vezes que fizestes isso a um destes mínimos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,34.40).

Abençoada Quaresma! Intensa Campanha da Fraternidade!
Santo caminho até a Páscoa do Senhor, na oração, no jejum e na misericórdia.

D. Walmor Oliveira de Azevedo

Arcebispo de Belo Horizonte – MG
Presidente

D. Jaime Spengler

Arcebispo de Porto Alegre – RS
1º Vice-Presidente

D. Mário Antônio da Silva

Arcebispo de Cuiabá – MT
2º Vice-Presidente

D. Joel Portella Amado

Bispo auxiliar do Rio de Janeiro – RJ
Secretário-Geral

OBJETIVOS

Objetivo Geral

SENSIBILIZAR a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo.

Objetivos Específicos

1. **COMPREENDER** a realidade da fome à luz da fé em Jesus Cristo;
2. **DESVELAR** as causas estruturais da fome no Brasil;
3. **INDICAR** as contradições de uma economia que mata pela fome;
4. **APROFUNDAR** o conhecimento e a compreensão das exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome;
5. **ACOLHER** o imperativo da Palavra de Deus, que nos conduz ao compromisso e à corresponsabilidade fraterna;
6. **INVESTIR** esforços concretos em iniciativas individuais, comunitárias e sociais que levem à superação da miséria e da fome no Brasil;
7. **ESTIMULAR** iniciativas de agricultura familiar agroecológica e a produção de alimentos saudáveis;
8. **RECONHECER** e fomentar iniciativas conjuntas entre comunidade de fé e outras instituições da sociedade civil organizada;
9. **MOBILIZAR** a sociedade para que haja uma sólida política de alimentação no Brasil, garantindo que todos tenham vida.

ORAÇÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

PAI de bondade,
ao ver a multidão faminta,
vosso **FILHO** se encheu de compaixão,
abençoou, repartiu cinco pães e dois peixes
e nos ensinou:
“dai-lhes vós mesmos de comer”.
Confiantes na ação do **ESPÍRITO SANTO**,
nós vos pedimos:
INSPIRAI-NOS o sonho de um mundo novo,
de diálogo, justiça, igualdade e paz;
AJUDAI-NOS a promover uma sociedade mais solidária,
sem fome, pobreza, violência e guerra;
LIVRAI-NOS do pecado da indiferença com a vida.
Que **MARIA**, nossa Mãe, interceda por nós
para acolhermos Jesus Cristo em cada pessoa,
sobretudo nas abandonadas, esquecidas e famintas.
AMÉM!

HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

L.: Clark Victor Frena e Geovan Luiz Alberton

1. Vocação e missão da Igreja:

Responder ao apelo do Senhor (cf. Mt 14,16b)

De sermos no mundo a certeza

Da partilha, milagre do amor (cf. Mt 14,13-21).

R. Ó Bom Mestre, a vós recorreremos (cf. Mt 14,13b)

Ajudai-nos a fome vencer

Recordai-nos o que nós devemos:

“Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16b).

2. Jesus Cristo, Pão da vida plena, (cf. Jo 6,35)

Em sua mesa nos faz assentar (cf. 1Sm 2,8)

E sacia a nossa pobreza

Para um mundo mais justo formar.

3. Unidos nesse tempo propício

De jejum, oração, caridade, (cf. Mt 6,1-18)

Recordemos, pois é nosso ofício

Cultivar e plantar a bondade.

4. A ausência da fraternidade

Nos leva a desviar o olhar (cf. Sr 4,5)

Do irmão que tem necessidade

De valor, alimento e lugar.

5. A fome agravada no mundo,

Vem de uma visão arrogante (cf. Pr 21,24)

A carência do amor mais profundo (cf. 1Jo 4,20-21)

Que nos torna irmãos tão distantes.

6. Nas cidades e em todo lugar,

Que se abra o nosso coração (cf. Ef 1,18)

À alegria de poder partilhar (cf. At 2,42)

O pão nosso em feliz oração (cf. Mt 6,11).

INTRODUÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE

1. A QUARESMA é o Tempo favorável para a conversão. Contudo, embora a conversão seja um movimento inicialmente pessoal e interior (RH, n. 20),¹ ela **não pode ser apenas uma atitude individualista**, uma vez que a vontade de Deus, desde a criação, se manifesta como projeto de vida a um povo eleito, nutrido, formado e enviado pelo próprio Deus. Na Nova Aliança, este povo somos nós, a Igreja, chamada a ser sacramento de salvação integral para o mundo (cf. LG, n. 48). E a nossa conversão quaresmal deve desenvolver-se como realização da vontade de Deus de modo pessoal, comunitário-ecclesial e também social. Com Deus, sonhamos um mundo justo e fraterno, em que todos tenham vida “e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

2. É por isso que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe à Igreja e a todos os homens e mulheres de boa vontade deste País, pela **60ª** vez, desde 1964, em **edição nacional**, a Campanha da Fraternidade.² Expressão de comunhão, conversão e partilha, a Campanha da Fraternidade tem como objetivos permanentes: 1) despertar o espírito comunitário e cristão na busca do bem comum; 2) educar para a vida em fraternidade; 3) renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação evangelizadora, em vista de uma sociedade justa e solidária.

-
- 1 JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptor Hominis*: no início do ministério pontifical. (Encíclicas). Roma, 4 de março de 1979.
- 2 A Campanha da Fraternidade nasceu na cidade de Nísia Floresta, na Arquidiocese de Natal, Rio Grande do Norte, por iniciativa de Dom Eugênio de Araújo Sales, como expressão da caridade e da solidariedade em favor da dignidade da pessoa humana, filho e filha de Deus. Assumida em seguida pelo conjunto das Igrejas Locais do Brasil, a Campanha da Fraternidade tornou-se expressão de comunhão, conversão e partilha. Comunhão na busca de construir uma verdadeira fraternidade; conversão na tentativa de deixar-se transformar pela vida fecundada pelo Evangelho; partilha como visibilização do Reino de Deus que recorda a ação da fé, o esforço do amor, a constância na esperança em Cristo Jesus (Cf. 1Ts 1,3).

3. A Campanha da Fraternidade **não é uma campanha sobre a Quaresma** e seus exercícios de piedade já tão bem vividos pelo povo cristão, a saber, oração, jejum e esmola, caridade, Via-Sacra, retiro, confissão e tantos outros. Ela estimula estes exercícios e, aproveitando a Quaresma como tempo favorável para a conversão, aborda-os na perspectiva da conversão pessoal e coletiva, pois a fé tem também uma dimensão social. Assim, a Campanha da Fraternidade questiona cada pessoa de boa vontade, grupos eclesiais e instituições civis acerca de seu envolvimento com as transformações espirituais, sociais, político-econômicas e ecológicas, a fim de verificar a coerência com o projeto do Reino de Deus mediante a escuta mais atenta e comprometida do Evangelho.

4. Certa de que não podemos ceder, como sempre nos pede o Papa Francisco, à cultura da indiferença e de que não há vida em plenitude onde falta o alimento básico para a vida digna, a CNBB propõe para este ano o tema: **“Fraternidade e Fome”**, com o lema: **“Dai-lhes vós mesmos de comer”** (Mt 14,16).

INTRODUÇÃO AO TEMA DA CF 2023

5. A FOME é um instinto natural e poderoso de sobrevivência presente em todos os seres vivos,³ é um presente do Criador para a preservação da vida. “É um fenômeno biológico que aciona uma sensação passageira de desconforto, um sinal breve do corpo, que indica a hora de comer”.⁴ “Toda criatura tem necessidade de alimentar-se para proporcionar o seu próprio desenvolvimento e para manter-se viva o maior tempo possível. Isso vale também para o ser humano, sempre empenhado com a necessidade básica do alimento. Em nossos dias, para muitas populações pobres, a questão alimentar assume aspectos dramáticos, devido a imensas catástrofes naturais, e, sobretudo, devido a violências e desigualdades implementadas por prepotentes”.⁵ Na sociedade humana, a fome é uma tragédia, um escândalo, é a negação da própria existência. “Na verdade, o alimento para o ser humano não constitui somente uma necessidade natural, mas representa ainda um fator cultural, porque é veículo de relações entre as pessoas, é um princípio de aliança e de comunhão”.⁶

6. Afirmou o Papa Francisco, nas comemorações dos 75 anos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO): “Para a humanidade, a fome não é só uma tragédia, mas também uma vergonha. Em grande parte, é provocada por uma distribuição desigual dos frutos da terra, à qual se acrescentam a falta de investimentos no setor agrícola, as consequências das mudanças climáticas e o aumento dos conflitos em várias regiões do planeta. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos. Diante desta

3 “Nisso aparece uma radical diferença das criaturas com relação ao Criador, único Ser que possui uma vida plena e perene, e não tem, portanto, necessidade de nutrir-se” (Pontifícia Comissão Bíblica. **O que é o homem?** Um Itinerário de Antropologia Bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 76).

4 **AÇÃO DA CIDADANIA. Agenda Betinho 2022.** p. 19.

5 **PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. O que é o homem?** Um Itinerário de Antropologia Bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 76.

6 *Ibidem*, n. 77.

realidade, não podemos permanecer insensíveis ou paralisados. Somos todos responsáveis”.⁷

7. A fome é repudiada por afrontar direta e imediatamente todos os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja (DSI), destacando-se aquele da destinação universal dos bens, pelo qual se crê que “o mundo criado é uma propriedade de Deus, sobretudo, e não do homem, de homem algum. Deus nos coloca como seus colaboradores na ordem da criação. Os bens criados por Ele têm uma destinação universal, e não privada. (...) Assim sendo, o uso egoísta e exclusivista das riquezas, esquecendo-se dos irmãos, não é compatível com a fé cristã”.⁸ Os bens pertencem ao Reino de Deus (cf. CDSI, n. 57).⁹ A fome é um contratestemunho que não reconhece de forma prática a dignidade integral das pessoas, não considera a primazia do bem comum como o conjunto de todos os bens necessários para cada pessoa se realizar humanamente, além de gerar toda uma conjuntura que faz com que a pessoa em situação de fome esteja em menores condições de participação, como se fosse indigente, invisível, correndo o risco de reduzir a solidariedade ao assistencialismo que, embora ajude nos momentos mais agudos, não transforma efetivamente as estruturas de pecado.

8. “Até o século XIX, as misérias que dizimavam populações inteiras tinham, com muita frequência, uma origem natural. Hoje elas são mais circunscritas, porém, na maioria das vezes, derivam da ação humana. (...) Nesta época em que o homem, mais que outrora, tem a possibilidade de fazer face às misérias, tais situações constituem uma verdadeira desonra para a humanidade”.¹⁰

7 FRANCISCO. Mensagem para os 75 anos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 16 de outubro de 2020.

8 MESSIAS, Elvis Rezende; CRUZ, Dom Pedro Cunha. *O Evangelho Social*: manual básico de doutrina social da Igreja. São Paulo: Paulus, 2020, p. 69.

9 PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 26 de maio de 2006.

10 PONTIFÍCIO CONSELHO COR UNUM. *A fome no mundo*. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 5.

9. “O objetivo ‘Fome Zero’¹¹ no mundo ainda é um grande desafio, mesmo que se deva reconhecer que nos últimos decênios assistimos a um grande progresso. Para combater a falta de alimentos e de acesso à água potável, é necessário agir sobre as causas que a provocam. Na origem deste drama estão, sobretudo, a falta de compaixão, o desinteresse de muitos e uma escassa vontade social e política de responder às obrigações internacionais. A falta de alimentos e de água potável não é uma questão interna e exclusiva dos países mais pobres e frágeis, mas diz respeito a cada um de nós, porque todos, com a nossa atitude, participamos de um modo ou de outro, favorecendo ou impedindo o sofrimento de muitos irmãos nossos. Todos somos chamados a ouvir o brado desesperado dos nossos irmãos e a adotar todas as medidas para que possam viver vendo respeitados os seus direitos mais elementares”¹²

10. “Além disso, é doloroso constatar que a luta contra a fome e a subalimentação é obstada pela ‘prioridade de mercado’, e pela ‘primazia do lucro’, que reduziram os alimentos a uma mercadoria qualquer, sujeita a especulações, até financeiras. E quando se fala de novos direitos, o faminto está ali, na esquina da rua, e pede o direito de cidadania, pede para ser considerado na sua condição, para receber uma alimentação básica sadia. Pede-nos dignidade, não esmola”¹³

11. O ser humano, contudo, não tem só fome de comida, isto é, necessidade de alimento saudável e nutritivo, ele tem fome de justiça, necessita de relações justas que lhe garantam a sobrevivência; tem fome de cidadania, quer ser respeitado como cidadão, tendo seus direitos e sua participação garantidos; tem fome de beleza — contemplar o belo através da arte, da música, ou de uma simples paisagem natural é uma necessidade humana que sacia a fome interior, reidrata a

11 Objetivo 2 da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas: “Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável”.

12 FRANCISCO. Discurso aos participantes na 41ª sessão da conferência da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 27 de junho de 2019.

13 FRANCISCO. Discurso à Plenária da 2ª Conferência Internacional sobre alimentação, 20 de novembro de 2014.

alma, harmoniza o coração —; tem fome de sentido, é racional, precisa compreender as razões dos acontecimentos da sua própria vida e da história da humanidade, a fim de direcionar suas ações; e, ainda mais, tem fome de transcendência, não se contenta, por sua própria natureza incompleta,¹⁴ com as realidades terrenas, deseja o infinito, “tem sede de Deus” (Sl 41[42],3).

12. Pela terceira vez, a fome é tratada pela Igreja no Brasil na Campanha da Fraternidade. A primeira foi em 1975, com o tema “Fraternidade é repartir” e o lema “Repartir o pão”, no clima do Ano Eucarístico que precedeu o Congresso Eucarístico Nacional de Manaus, com os mesmos tema e lema e desejava intensificar a vivência da Eucaristia em nosso povo. A segunda foi em 1985, outro Ano Eucarístico, desta vez em preparação para o Congresso Eucarístico de Aparecida, com o lema “Pão para quem tem fome”. Agora, em 2023, logo depois do 18º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Recife, de 11 a 15 de novembro de 2022, sob o tema “Pão em todas as mesas”, a Igreja no Brasil enfrenta pela terceira vez o flagelo da fome, com um lema que é uma ordem de Jesus aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). É vocação, graça e missão da Igreja obedecer e cumprir a ordem de Jesus.

13. Não podemos nos esquecer de que a superação da miséria e da fome foi também objeto de reflexão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil na sua 40ª Assembleia Geral, em abril de 2002, quando, ao celebrar o seu jubileu áureo, a CNBB publicou o documento intitulado *Alimento, dom de Deus, direito de todos*, lançando com ele um mutirão nacional de superação da miséria e da fome.

14. No entanto, os tempos e as realidades mudam e é preciso outra vez confrontarmos-nos com o Evangelho de Jesus Cristo frente a este grande desafio que permanece gritante em nossa sociedade, **A FOME.**

14 Cf. AGOSTINHO. Confissões 1,1.

I -

Na fonte da PALAVRA

¹³Tendo ouvido isso, Jesus retirou-se dali e foi, de barco, a um lugar deserto, à parte. Quando ficaram sabendo, as multidões saíram das cidades e o seguiram a pé. ¹⁴Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam enfermos. ¹⁵Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: ‘Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões para que possam ir aos povoados comprar comida!’ ¹⁶Jesus, porém, lhes disse: ‘Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer!’ ¹⁷Os discípulos responderam: ‘Só temos aqui cinco pães e dois peixes’. ¹⁸Ele disse: ‘Trazei-os aqui’. ¹⁹E mandou que as multidões se sentassem na relva. Então, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção, partiu os pães e deu aos discípulos, e os discípulos os distribuíram às multidões. ²⁰Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios. ²¹Os que comeram foram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças” (Mt 14,13-21).

15. No coração de Jesus, jamais habitou a indiferença. O Papa Francisco nos ensina: “Jesus era assim: tinha sempre compaixão, pensava sempre nos outros. (...) Jesus se comove. Jesus não é insensível, não tem um coração enrijecido. Jesus é capaz de se comover. Sente-se ligado àquela multidão (...). A sua compaixão não é um sentimento indefinido; ao contrário, mostra toda a força da sua vontade de estar próximo de nós e de nos salvar. Jesus nos ama em grande medida e quer permanecer perto de nós. Ao cair da noite, Jesus se preocupa em dar de comer a todas aquelas pessoas, cansadas e famintas, e cuida de quantos o seguem. Ele quer que os seus discípulos se tornem partícipes disso. E por isto, diz-lhes: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mt 14,16). Assim demonstrou-lhes que os poucos pães e peixes que

tinham, com a força da fé e da oração, podiam ser compartilhados com toda aquela multidão. (...) O Senhor vai ao encontro das necessidades dos homens, mas deseja tornar cada um de nós concretamente participantes da sua compaixão”¹⁵

16. Este texto é o primeiro relato no Evangelho de Mateus do episódio conhecido como multiplicação dos pães e localiza-se praticamente na metade do Evangelho. Isso indica que Jesus já realizara muita coisa, o seu ministério já estava adiantado e, mesmo que não compreendessem totalmente e nem aceitassem completamente o que Ele propunha, a sua mensagem se popularizava cada vez mais e as multidões o seguiam. Logo, **tornava-se cada vez mais necessário que Jesus deixasse clara a natureza do seu messianismo**, que não correspondia aos anseios nacionalistas e triunfalistas da época.

17. O contexto imediato é fornecido pelo próprio texto, que indica o evento anteriormente narrado: **“Tendo ouvido isso”** (Mt 14,13a). Isso o quê? A morte de João Batista, por ordem de Herodes. Apesar das diferenças, era inegável a proximidade entre Jesus e João Batista, e, inevitavelmente, a morte de João mexeu com Jesus, ainda mais pela forma cruel como aconteceu. Daí, a necessidade de retirar-se, não por medo, mas por comoção. Seu estado interior pedia um momento de recolhimento. O povo, por outro lado, tinha medo de ser deixado sozinho, abandonado. “Depois da morte de João Batista, profeta carismático, [o povo] confia-se a Jesus, de quem o próprio João tinha dito: ‘Aquele que virá depois de mim é mais poderoso do que Eu’ (Mt 3,11)”¹⁶

18. **“Jesus retirou-se dali e foi, de barco, a um lugar deserto”** (Mt 14,13a). O deserto é o lugar e o tempo da partilha, da igualdade, em que cada um conta com a solidariedade dos outros, onde não há egoísmo, injustiça, prepotência, apropriação individual dos bens que pertencem a todos e em que todos dão as mãos para superar as

15 FRANCISCO. Audiência Geral, 17 de agosto de 2016.

16 *Idem.*

dificuldades da caminhada. No deserto, quem é egoísta, autossuficiente e não aceita contar com os outros está condenado à morte.¹⁷

19. O lugar deserto e afastado seria ideal para o recolhimento desejado por Jesus. Porém, não conseguiu ficar sozinho com seus discípulos, porque **“Quando ficaram sabendo, as multidões saíram das cidades e o seguiram a pé”** (v. 13b). Abandonadas e exploradas pelas lideranças religiosas e políticas, as multidões recebiam atenção e cuidado de Jesus (Mt 9,36–10). O seu olhar era diferente, marcado pela compaixão: **“Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam enfermos”** (v. 14). As multidões até se anteciparam, chegando primeiro ao lugar deserto. Ao vê-las, Jesus não foge e nem as expulsa, mas se enche de compaixão. Quer dizer que a compaixão ocupa todo o ser de Jesus, faz parte de sua essência.

20. Compaixão significa um comover-se no mais profundo do ser – as vísceras ou entranhas – o que resulta em ação concreta de libertação. Não se trata de um mero sentimento, mas de ação libertadora. Por isso, Ele **“curou os que estavam enfermos”**, isto é, todas as pessoas destinatárias privilegiadas da misericórdia de Deus: doentes, aflitas, pobres, abandonadas, exploradas. Como o Evangelho de Jesus é um programa que contempla a vida em todas as suas dimensões, essas classes de pessoas são as primeiras contempladas.

21. O que os discípulos sentiram, no entanto, foi diferente de Jesus: **“Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: ‘Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar comida!’”** (v. 15). Pela referência ao entardecer, supõe-se muita coisa já realizada. Certamente, muito contato físico de Jesus com o povo, muito toque, muita escuta e muitas palavras proferidas; tudo ao contrário de quem estava procurando ficar sozinho. A tendência dos discípulos é lavar as mãos diante das necessidades dos outros.

17 Cf. DEHONIANOS. 18º Domingo do Tempo Comum – Ano A. 24 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.dehonianos.org/portal/dia-liturgia/18o-domingo-do-tempo-comum-ano-a>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

Aconselham Jesus a mandar as multidões embora e que cada um se virasse para conseguir o alimento necessário.

22. Apesar do tempo de convivência e aprendizado, os discípulos ainda não tinham assimilado a lógica da partilha e da solidariedade. Diante disso, a resposta de Jesus é uma repreensão: **“Jesus, porém, lhes disse: ‘Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer!’”** (v. 16). Como se vê, Jesus compromete os discípulos. É necessário que se sintam responsáveis diante das necessidades dos outros. A comunidade cristã não pode assistir indiferente à fome no mundo. A mensagem de Jesus é um programa de vida que contempla também, a dimensão material. Portanto, saúde e alimentação devem ser prioridades na comunidade cristã.

23. Envergonhados com a advertência de Jesus, **“os discípulos responderam: ‘Só temos aqui cinco pães e dois peixes’”** (v. 17). Foram realistas. Tinham pouca coisa, provavelmente o suficiente para eles. A quantidade era pequena, mas total, era tudo o que tinham. O número 7, como resultado de 5+2, significa totalidade. Jesus, porém, não se importa com a quantidade; pede aos discípulos que ofertem a Ele tudo o que têm: **“Ele disse: ‘Trazei-os aqui’”** (v. 18). O problema começa a ser solucionado quando Cristo pede que os discípulos coloquem à disposição tudo o que têm, apesar de pouco. É isso o que Jesus espera das comunidades de todos os tempos. O pouco que cada um possui deve ser colocado a serviço de todos e, assim, o que é pouco se torna muito.

24. É interessante perceber que os discípulos recebem a responsabilidade de curar a fome, o que se faz pela partilha, mas tudo deve passar por Jesus. Na continuação, diz o Evangelista que **“mandou que as multidões se sentassem na relva. Então, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção, partiu os pães e deu aos discípulos, e os discípulos os distribuíram às multidões”** (v. 19). Jesus toma a iniciativa, e age como verdadeiro pastor. “Como se vê, trata-se dos mesmos sinais que Jesus fez durante a última Ceia; e são também os mesmos gestos que cada sacerdote cumpre quando celebra a Sagrada Eucaristia. A comunidade cristã

nasce e renasce continuamente desta Comunhão eucarística. Por isso, viver a comunhão com Cristo é totalmente oposto ao permanecer passivo e alheio à vida de todos os dias. Enquanto nos alimenta de Cristo, a Eucaristia que celebramos também nos transforma gradualmente em corpo de Cristo e alimento espiritual para os irmãos”.¹⁸ Os gestos de Jesus vão muito além de um rito: olhar para o céu – abençoar¹⁹ – repartir – distribuir, são os passos que a comunidade cristã não pode parar de dar, não apenas como rito semanal, mas como vivência cotidiana, sobretudo onde e quando há multidões famintas.

25. Como resultado de todo esse processo de partilha: **“Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios”** (v. 20). Houve todo um processo: de seu olhar compassivo, Jesus conferiu responsabilidade aos discípulos, provocou neles a disposição de colocar em comum tudo o que tinham, fazendo de tudo uma ação de graças a Deus, até a partilha que deixou todos satisfeitos. A abundância é gerada quando ninguém considera somente seu o que possui, mas oferece, como dom, às necessidades do próximo. No final, ainda sobrou, sendo tudo recolhido. O alimento é sempre um dom de Deus, e o que é dom de Deus não pode ser desperdiçado. A quantidade recolhida, 12 cestos, significa que quando a partilha é praticada, tem alimento para todos. Esse não deve ser um ato isolado, mas uma prática constante na comunidade.

26. No final, a referência ao número dos que se alimentaram: **“Os que comeram foram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças”** (v. 21). Entre o número inicial de dons disponíveis

18 FRANCISCO. *Audiência Geral*, 17 de agosto de 2016.

19 A bênção é um costume muito presente no nosso povo. Ela é uma fórmula de ação de graças, na qual se agradece a Deus pelos seus dons.abençoar significa, concretamente, reconhecer que algo que se possui ou alguém é um dom recebido de Deus. Recebido para quem? Para uma única pessoa, uma única família? Deus não é o Pai de todos, que se preocupa com todos e que a todos ama da mesma forma? Portanto, abençoar é reconhecer que determinado dom veio de Deus e que, por isso, pertence a todos os filhos e filhas (cf. DEHONIANOS. **18º Domingo do Tempo Comum – Ano A**. 24 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.dehonianos.org/portal/dia-liturgia/18o-domingo-do-tempo-comum-ano-a>. Acesso em: 18 de agosto de 2022).

para a partilha e a multidão alimentada há uma enorme diferença. Com isso, o Evangelista quer ensinar que os resultados são sempre surpreendentes quando se põe em prática o que Jesus ensinou, isso reforça o convite para a comunidade não ter medo de partilhar o que tem.

27. Este trecho do Evangelho mostra que **a comunidade tem prioridades irrenunciáveis**, como encontrar solução para o problema da fome, por exemplo. A comunidade não pode esperar ter condições necessárias para viver o programa do Reino, mas é ela mesma que tem que criar tais condições, encontrando dentro de si mesma a solução para os seus problemas, vencendo o egoísmo, a inveja, o orgulho e o desejo de poder: neste texto, a ênfase do Evangelista é a necessidade de superar a fome de pão das pessoas necessitadas.²⁰

28. Depois desta experiência, nunca mais um discípulo de Jesus poderá dizer que não tem nada a ver com a fome, com a miséria, com as necessidades dos mais desfavorecidos. A nossa responsabilidade de seguidores de Jesus compromete-nos com a fome. Nenhum cristão pode dizer que não tem culpa pelo fato de 80% da humanidade ser obrigada a viver com apenas 20% dos recursos disponíveis. Nenhum cristão pode lavar as mãos quando se gastam em armas e extravagâncias recursos que deveriam estar ao serviço da saúde, da educação, da habitação, da construção de redes de saneamento básico... Nenhum cristão pode dormir tranquilo quando tantos homens e mulheres, depois de uma vida de trabalho, recebem aposentadorias miseráveis, que mal dão para pagar os remédios, enquanto se gastam quantias exorbitantes em obras de fachada que só servem para satisfazer o ego dos donos do mundo... **Nós temos responsabilidades na forma como o mundo se constrói.** Que podemos fazer para que o nosso mundo seja alicerçado sobre outros valores,²¹ aqueles que encontramos na fonte da Palavra?

20 A maior parte deste capítulo, excetuando-se as citações referenciadas, é de autoria do Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues, da Diocese de Mossoró (RN), autor do blog <http://porcausadeumcertoreino.blogspot.com/>. Acesso em: 12 de agosto de 2022.

21 Cf. DEHONIANOS. **18º Domingo do Tempo Comum – Ano A.** 24 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.dehonianos.org/portal/dia-liturgia/18o-domingo-do-tempo-comum-ano-a>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

II - VER a realidade da fome

*“Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão.
Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam enfermos”
(Mt 14,14).*

29. A FOME é uma realidade no Brasil. E este fato não pode ser negado. Ela é o flagelo de uma multidão de brasileiros. Mas, no Brasil, não falta alimento. A cada ano, o País bate recordes²² de produção, dentre os quais, milho, soja, trigo, de cana de açúcar, de carne etc. O que então nos falta? Falta-nos convertermo-nos ao Evangelho, olhar com sinceridade as necessidades do outro, aprender a repartir para que ninguém fique com fome, edificar aqui e agora o Reino de Deus que buscamos e que se realizará em plenitude na eternidade.

30. Viver com fome, a ponto de perder a própria dignidade, arrastar-se pela rua, revirar o lixo e morrer de fome não é algo natural ou desejado por Deus. No Brasil, a fome não é simplesmente um problema ocasional, é um fenômeno social e coletivo, estrutural, produzido e reproduzido no curso ordinário da sociedade, que normatiza e naturaliza a desigualdade, é um projeto de manutenção da miséria em vista de perpetuação no poder. Já afirmava a nossa escritora Carolina Maria de Jesus: “quem inventou a fome são os que comem”.²³

31. A fome não foi criada, mas radicalizada pela pandemia da COVID-19, que enfrentamos desde março de 2020 e que,

22 G1. **Recordes no agronegócio e aumento da fome no Brasil:** como isso pode acontecer ao mesmo tempo? Por Vivian Souza. 11 de agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/08/11/recordes-no-agronegocio-e-aumento-da-fome-no-brasil-como-isso-pode-acontecer-ao-mesmo-tempo.ghtml>.

23 JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Diário de uma favelada. 1960.

com certeza, marcará todas as nossas ações nesta década. A fome no Brasil é um escândalo! Um escândalo de proporções inimagináveis. Em nosso País, há 125,2 milhões de brasileiros que nunca sabem quando terão a próxima refeição.²⁴ Tudo começa com um ato de ver. É preciso fazer como Jesus: “levantar os olhos e ver” a realidade da fome no Brasil.

32. Há ainda quem considere que os temas sociais não interpelam os cristãos. A Quaresma é um Tempo muito propício para que cada um de nós reconheça que o Evangelho tem profunda incidência social, que é dever e também direito da Igreja lidar com essas questões, que ela é sempre mais fiel ao Senhor, deixando-se interpelar e colocando-se a trabalhar, no âmbito que lhe é próprio, pela salvação integral de todo ser criado e para sempre amado por Deus. Nisso se inclui o compromisso pela justiça social. É a própria experiência do amor de Deus que nos move e, como bem expressa o Compêndio da Doutrina Social da Igreja: “o amor tem diante de si um vasto campo de trabalho, e a Igreja, nesse campo, quer estar presente também com a sua doutrina social, que diz respeito ao homem todo e se volta a todos os homens” (CDSI, n. 5).

O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)

33. Direitos humanos são aqueles que os seres humanos possuem, única e exclusivamente, por terem nascido e serem parte da espécie humana. Decorrem da dignidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus (cf. CDSI, n. 153; CIC, n. 357).²⁵ São direitos inalienáveis, ou seja, que não podem ser tirados nem cedidos voluntariamente por ninguém e são anteriores às legislações nacional, estadual ou municipal. Devem assegurar às pessoas condições básicas que lhes permitam levar uma vida digna, isto é, com acesso à liberdade,

24 Cf. REDE PENSSAN. *Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022.

25 *Código de Direito Canônico*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

à igualdade, ao trabalho, à terra, à saúde, à moradia, à educação, à água e alimentos de qualidade, entre outros requisitos essenciais.²⁶

34. A compreensão dos direitos humanos é influenciada pelos costumes e valores de determinado tempo histórico e, portanto, pode mudar de acordo com as regras e necessidades dos povos em determinado momento. Este fato não nos deve impedir de entender que os direitos humanos existem para proteger o ser humano da tirania e da injustiça e garantir a dignidade e a igualdade de direitos entre homens e mulheres, com a finalidade última de promover o progresso da sociedade, o bem comum, a paz, em um estado de ampla liberdade.²⁷

35. Os direitos humanos foram assumidos pela Doutrina Social da Igreja na Carta Encíclica *Pacem in Terris* (1963),²⁸ de São João XXIII, publicada na comemoração do 15º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), pela Organização das Nações Unidas (ONU) e reverberaram fortemente na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II: “Portanto, é preciso que se tornem acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana, como o alimento, o vestuário, a habitação, o direito a escolher livremente o estado de vida e de constituir uma família, o direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, o direito a agir segundo a reta norma de sua consciência, o direito à proteção da vida particular e à justa liberdade, também em matéria religiosa.” (GS, n. 26).²⁹

36. “Em 2002, o relator especial da ONU para o direito à alimentação definiu o Direito Humano à Alimentação Adequada

26 LEÃO, M. M.; RECINE, E. O direito humano à alimentação adequada. In: TADDEI, J. A.; LANG, R. M. F.; LONGOSILVA, G.; TOLONI, M. H. A. *Nutrição em Saúde Pública*. São Paulo: Rubio, 2011, p. 471-488.

27 *Idem*.

28 MESSIAS, Elvis Rezende. *Redescobrir a Doutrina Social da Igreja hoje: contribuições fundamentais a partir da Pacem in Terris*. Encontros Teológicos, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 31-67, jan./abr. de 2021.

29 CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II: Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 199-329.

da seguinte forma: ‘O direito à alimentação adequada é um direito humano inerente a todas as pessoas de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garantam uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva’.³⁰

37. “Se assimilarmos bem o que o ser humano é, poderemos então reivindicar e propor os seus direitos, pois, toda vez que se desvia do que o ser humano é, aparecem reivindicações de ‘direitos’ que, em lugar de garantir a dignidade da pessoa humana, a tergiversam e até mesmo a anulam”.³¹ “Os direitos humanos são a solicitação de que seja realizado, na dimensão histórico-temporal, aquilo que o ser humano é em sua realidade mais ontológica, bem como de que seja reconhecida e dada a ele a condição de desenvolvimento integral de sua humanidade”.³²

38. O Direito Humano à Alimentação Adequada é indispensável para a sobrevivência. As normas internacionais reconhecem o direito de todos à alimentação adequada e o direito fundamental de toda pessoa a estar livre da fome como pré-requisitos para a realização de outros direitos humanos. No Brasil, este direito está assegurado entre os direitos sociais da Constituição Federal, desde a aprovação da Emenda Constitucional n. 64, em 4 de fevereiro de 2010.

39. A alimentação saudável não pode ser considerada apenas uma questão de solidariedade. **Ela é um direito.** E, como tal, deve ser garantida pelo Estado a todos os seus cidadãos.

30 LEÃO, Maria. (Org.) **O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional** Brasília: ABRANDH, 2013, p. 27.

31 MARADIAGA, Cardeal Oscar Andrés Rodríguez. Direitos humanos: alternativa humana diante da globalização da indiferença. In: MANZINI, Rosana; ZACHARIAS, Ronaldo. (Orgs.). **Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade.** São Paulo: Paulus, 2021, p. 18.

32 MESSIAS, Elvis Rezende; CRUZ, Dom Pedro Cunha. **O Evangelho Social: manual básico de doutrina social da Igreja.** São Paulo: Paulus. 2020, p. 66.

Os números da fome no Brasil

40. Em abril de 2022, apenas 41,3% dos domicílios brasileiros tinha seus moradores em Segurança Alimentar (SA),³³ 58,1% viviam em algum nível de Insegurança Alimentar (IA), dos quais **15,5% conviviam com a fome**. Em números absolutos, isso significa que do total de 211,7 milhões de brasileiros e brasileiras, 125,2 milhões convivem com alguma Insegurança Alimentar (leve, moderada ou grave), dentre os quais mais de **33 milhões de pessoas enfrentam a fome em nosso País**. São 15,5% da população brasileira! É como se todos os habitantes das sete maiores cidades do Brasil – São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte e Manaus – ou todos os peruanos passassem fome.³⁴

41. A desigualdade de acesso aos alimentos se manifesta com maior força em domicílios rurais, 18,6% dos quais enfrentam a fome em seu cotidiano. Em termos geográficos, 25,7% das famílias em realidade de fome residem na região Norte e 21% no Nordeste. A insegurança alimentar está também diretamente relacionada a outras condições de desigualdade. A fome está presente em 43% das famílias com renda de até 1/4 do salário-mínimo por pessoa e atinge mais as famílias que têm mulheres como responsáveis ou em que a pessoa de referência se denomina de cor preta ou parda. Em 14,3% dos domicílios, havia pelo menos 1 morador/a procurando emprego, e em 8,2%, a pessoa responsável pela família estava desempregada.

33 Segurança Alimentar e Nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (Lei Orçamentária de Segurança Alimentar e Nutricional, 2006).

34 Estes números são do II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil (II VIGISAN), da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN), realizado por amostragem, em 12.745 domicílios urbanos e rurais de 577 municípios das 27 unidades da federação, nas cinco grandes regiões do Brasil, entre novembro de 2021 e abril de 2022, obtendo informações sobre 35.022 indivíduos.

42. A progressiva crise econômica, a pandemia e o desmonte das políticas públicas, que poderiam minimizar o impacto das duas primeiras, explicam o recrudescimento da insegurança alimentar e da fome entre o final de 2020 e o início de 2022. Mesmo o Auxílio Brasil não mitigou a grave situação social do povo brasileiro, uma vez que a fome ainda estava presente em 21,5% dos domicílios das famílias que solicitaram e conseguiram receber o benefício deste programa social. Entre o último trimestre de 2020 e o primeiro de 2022, a insegurança alimentar grave subiu de 9,0% para 15,5%, incorporando, em pouco mais de 1 ano, 14 milhões de novos brasileiros ao exército de famintos do País. A piora da insegurança alimentar é a repercussão das desigualdades sociais que resultam de processos econômicos e políticos, com destruição de instituições e políticas públicas, desde 2016.

43. Os resultados evidenciam um quadro preocupante de deterioração socioeconômica e profundas desigualdades na sociedade brasileira, anterior à pandemia e agravado por ela. Esse quadro persistiu em 2021, com desemprego elevado, precarização do trabalho, perda de direitos sociais e queda do poder aquisitivo — enquanto a COVID-19 seguia ceifando vidas às centenas de milhares, num ritmo aterrorizante, chegando a mais de 680 mil mortes em agosto de 2022 — fatos que revelaram para a sociedade brasileira uma autoimagem desconcertante, expressa em mazelas que se agravam e se renovam.³⁵ Estes dados alertam toda a sociedade brasileira para a natureza urgente e imprescindível de ações e políticas públicas efetivas que auxiliem os grupos mais vulnerabilizados e promovam a Segurança Alimentar e Nutricional, ao lado de políticas estruturais direcionadas à redução das desigualdades sociais e das iniquidades do nosso País.

44. “Os pobres são as primeiras vítimas da subnutrição e da fome no mundo. Ser pobre significa, quase sempre, ser mais facilmente provado pelos inumeráveis perigos que ameaçam a sobrevivência e ter menor resistência às enfermidades físicas. (...) No seio de uma

35 Cf. REDE PENSSAN. *Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022.

população pobre, as primeiras vítimas são sempre os indivíduos mais frágeis: crianças, mulheres grávidas ou em período de amamentação, enfermos e pessoas idosas. Há que referir ainda outros grupos humanos expostos a alto risco de deficiência nutritiva: as pessoas refugiadas ou deslocadas e as vítimas de vicissitudes políticas”.³⁶

As causas da fome no Brasil

45. Os fatores climáticos, as guerras e os desastres naturais de todas as espécies, por mais impactantes que sejam, estão longe de constituir as únicas causas da miséria e da fome. Para compreender corretamente esta questão, é necessário considerar o conjunto das suas causas:

46. Uma das primeiras causas da fome no Brasil é a sua **estrutura fundiária**, ou seja, como a terra foi historicamente³⁷ e continua a ser distribuída no Brasil.³⁸ Quando falamos da terra, estamos tratando de

36 Pontifício Conselho Cor Unum. **A fome no mundo**. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 7.

37 A origem da concentração fundiária no Brasil está associada ao passado colonial, com as capitânicas hereditárias e doação de sesmarias. Nas décadas iniciais da colonização, a Coroa portuguesa estabeleceu as capitânicas hereditárias, quinze glebas de terra paralelas à linha do Equador, da costa litorânea ao meridiano de Tordesilhas. Eram administradas pelos capitães-donatários, membros da pequena nobreza, oriunda de Portugal, que não era proprietária da terra, mas exercia sobre ela poderes econômicos (arrecadação de impostos) e administrativos, entre os quais se destacavam o monopólio da justiça, a formação de milícias e a doação de sesmarias. Estas eram “uma extensão de terra virgem cuja propriedade era doada a um sesmeiro, com a obrigação – raramente cumprida – de cultivá-la no prazo de cinco anos e de pagar o tributo devido à Coroa. Esta estrutura foi reforçada pela Lei da Terra de 1850, instituída apenas duas semanas após a Lei Eusébio de Queiroz abolir o tráfico negreiro interatlântico e pelo Estatuto da Terra de 1964, que definiu o módulo rural como a unidade de terra suficiente para absorver o trabalho de uma família e provê-la de uma produção agrícola que permitisse sua subsistência. Além disso, houve a instituição legal do latifúndio (propriedade rural 600 vezes maior do que o um módulo rural) e do minifúndio (propriedade rural menor do que o um módulo rural). Mesmo a Lei Agrária de 1993, que modificou a unidade de medida do módulo rural para o módulo fiscal, fixado em hectares, conforme cada região do País, não modificou a injustiça da estrutura fundiária brasileira.

38 O Brasil é um dos piores países nesse quesito, com um altíssimo Índice de Gini. Esse índice varia de 0 a 1, em que 0 expõe uma distribuição de renda equânime entre todas as pessoas de uma região e 1 representa o oposto, uma condição em que uma única pessoa controla todas as riquezas de uma área (cf. IPEA. **O que é? – Índice de Gini**. 1º de 2004. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28).

um tipo especial de bem econômico, um dom dado por Deus a toda a humanidade. Nos países de antiga ocupação, como, por exemplo, os europeus, as terras rurais foram divididas em pequenas áreas para a produção familiar e o consumo local. Nos países de ocupação mais recente, quando as lógicas econômicas já tinham um direcionamento para a grande produção e para a exportação, como é o caso do Brasil, a divisão do espaço rural foi realizada de maneira diferente e irregular, por meio do estabelecimento dos latifúndios.³⁹ Essa distribuição da terra é excludente e causadora de enormes desigualdades socioeconômicas. Urge uma justa redistribuição da terra!⁴⁰

47. Some-se a isso, uma política agrícola perversa, que coloca o sistema produtivo a serviço do sistema econômico-financeiro, destinando enorme incentivo financeiro ao agronegócio exportador, que concentra grande parte da produção na forma de *commodities*,⁴¹ a serviço das paixões do mercado internacional, que define o que se deve e o que não se deve plantar e colher, conforme as exigências e valorizações do mercado internacional e não da alimentação e nutrição da

39 Latifúndio corresponde a uma extensa propriedade agrícola privada, geralmente improdutiva. Tais propriedades, quando exploradas, são destinadas ao cultivo de um único produto agrícola (monocultura), com finalidade de abastecer o mercado externo, devido à produção em larga escala. Uma das principais características do latifúndio é a concentração das propriedades nas mãos de poucos proprietários rurais, famílias ou empresas. Foi o Estatuto da Terra, de 1964, que caracterizou as propriedades rurais. Ele distinguia latifúndio por extensão – aquelas propriedades correspondentes a mais de 600 vezes o módulo médio da propriedade rural ou 600 vezes a área média dos imóveis rurais – de latifúndio por exploração – aquele que encontra-se inexplorado ou deficientemente explorado dado o mau uso da terra. Este tipo de latifúndio caracteriza-se então pela improdutividade, tendo geralmente como objetivo a especulação imobiliária (BRASIL ESCOLA. O que é latifúndio?. Por Rafaela Souza. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-latifundio.htm>. Acesso em: 18 de maio de 2022).

40 Cf. CNBB. **A Igreja e a questão agrária brasileira no início do Século XXI.** (Documentos da CNBB, 101). Brasília: Edições CNBB, 2012.

41 A definição de *commodities* varia conforme o contexto em que o termo é empregado. Pode ser sinônimo de mercadoria no seu sentido mais amplo; ou, no uso econômico mais restrito, designar aqueles bens que podem ser comercializados em mercados internacionais como bolsas de mercadorias, sob algumas formas padrão que permitem definir os seus diferentes tipos. O verbete *commodity* no App Economic Dictionary diz: “pode se referir a qualquer bem, mas em um contexto comercial uma *commodity* é geralmente uma matéria-prima ou produto primário que entra no comércio internacional, como metais (estanho, manganês) ou produtos agrícolas básicos (café, cacau)”.

nossa população. Ao mesmo tempo, trata com descaso, burocratização e cortes significativos a agricultura familiar,⁴² que produz mais alimento para a mesa dos brasileiros. A presença do agronegócio, por um lado, gera receitas e aquece o mercado externo e a exportação dos produtos agrícolas, no entanto, muitas vezes, não promove nem o abastecimento nem o desenvolvimento local. Por outro lado, a presença das pequenas propriedades permite maior diversificação da produção agrícola para o consumo, além da movimentação econômica local. No Brasil, em geral, não se produz para comer. Produz-se para lucrar e exportar.

Veja os 3 níveis de insegurança alimentar

A fome propriamente dita acontece quando as crianças são afetadas

Insegurança alimentar
LEVE



Há incerteza quanto ao acesso alimentar. Queda na qualidade da comida é usada como estratégia para evitar declínio em quantidade

Insegurança alimentar
MODERADA



Há redução quantitativa no consumo entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação

Insegurança alimentar
GRAVE



Há redução quantitativa também entre as crianças. É nesta etapa que a família é identificada em situação de fome

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)



Infográfico elaborado em: 30/07/2021

48. É por isso que um dos maiores produtores de alimentos, chamado “celeiro do mundo”, é um Brasil assolado pela fome, especialmente nas áreas rurais e suburbanas.

42 O PRONAF, por exemplo, teve seus recursos no Orçamento da União para 2021 cortados para 1/3 da proposta inicial (de R\$ 3,85 milhões para 1,3 milhões) (Cf. Análise de Conjuntura apresentada na 59ª AG da CNBB, em sua etapa virtual, no dia 25 de abril de 2022).

49. A conjuntura recente tem contribuído para um retrocesso significativo no combate à fome no País. E não se pode creditar apenas aos impactos econômicos e sociais da pandemia o agravamento da situação. A crise econômica se alia, por exemplo, a uma conjuntura difícil no mercado de trabalho, dada a precarização da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), promovida pela reforma trabalhista de 2017 (Lei n. 13.467). O **desemprego** e o **subemprego**, ou trabalho informal, sem as necessárias seguranças institucionais, não podem faltar na lista das causas da fome no Brasil. É o trabalho assegurado e devidamente remunerado que possibilita ao ser humano comer com dignidade. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Brasil terá 14 milhões de desempregados em 2022, podendo cair em 2023 para 13,6 milhões.⁴³ É preciso não só matar a fome, mas emancipar o faminto e, para isso, o trabalho e o emprego dignos são fundamentais. “A subutilização da força de trabalho (24% não consegue trabalho, desistiu de procurar e ou trabalha menos do que gostaria) e o desemprego elevado (chegou a 15% em 2021 e atinge cerca de 12 milhões de brasileiros, hoje) são situações identificadas pelo IBGE/PNAD que dialogam fortemente com a insegurança alimentar e a fome.”⁴⁴

50. “Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportadas por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer”, afirma o Papa Francisco na sua mensagem para a 6ª Jornada Mundial dos Pobres, em novembro de 2022.⁴⁵

43 PODER 360. **Brasil terá 14 milhões de desempregados em 2022.** Disponível em: [https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-tera-14-milhoes-de-desempregados-em-2022-diz-oit/#:~:text=O%20Brasil%20ter%C3%A1%2014%20milh%C3%B5es,apenas%20em%202023%20ou%202024](https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-tera-14-milhoes-de-desempregados-em-2022-diz-oit/#:~:text=O%20Brasil%20ter%C3%A1%2014%20milh%C3%B5es,apenas%20em%202023%20ou%202024.). Acesso em: 2 de maio de 2022.

44 Análise de Conjuntura apresentada na 59ª AG da CNBB, em sua etapa virtual, no dia 25 abril de 2022.

45 FRANCISCO. **Mensagem para a 6ª Jornada Mundial dos Pobres**, 13 de novembro de 2022.

51. Consideremos, pois, a perversidade da política salarial: o país agroexportador vive com um mercado interno limitado pela miséria. Não é apenas o preço do alimento que é alto. É o salário que é demasiadamente baixo e desvalorizado. A Insegurança Alimentar é fruto de uma insegurança estrutural. A fome deriva, antes de mais, da pobreza. A segurança alimentar das pessoas depende essencialmente do seu poder de compra, e não da disponibilidade física de alimentos.⁴⁶ O problema não é a exportação. Exportamos o que não consumimos. Mas não consumimos porque o salário é miserável. “Enquanto um grupo privilegiado de 28 mil pessoas ganha mais de 320 salários mínimos mensais, recebendo cada uma, em média, R\$ 765 mil por mês, isentos do Imposto de Renda – Pessoa Física, os trabalhadores e consumidores em geral são pesadamente punidos com tributos embutidos no preço dos produtos. A renda anual declarada pela parcela de 28 mil pessoas privilegiadas somou R\$ 371 bilhões em 2020, valor próximo ao rendimento obtido (R\$ 383 bilhões) por 89 milhões de pessoas, que representam os 40% mais pobres de toda a população brasileira.”⁴⁷ Transferência de renda é fundamental, mas não é o suficiente. É preciso valorizar o salário mínimo, promover emprego, redistribuir a terra.

52. A fome tem suas causas também em comportamentos morais lamentáveis: a busca egoísta do dinheiro, do poder e da imagem pública; a perda do sentido de serviço à comunidade em benefício exclusivo de pessoas ou de grupos; sem esquecer o importante grau de corrupção, sob as mais diversas formas.⁴⁸ Alguns fatores socioculturais aumentam os perigos da fome e da subnutrição crônica: os tabus alimentares, a posição social e familiar da mulher, a carência de formação nas técnicas da nutrição, o analfabetismo generalizado, os partos precoces e, às vezes, demasiado próximos, e a precariedade do emprego.⁴⁹

46 Cf. BANCO MUNDIAL. *Poverty and Hunger*. 1986.

47 Análise de Conjuntura apresentada na 59ª AG da CNBB, em sua etapa virtual, no dia 25 de abril de 2022.

48 Cf. Pontifício Conselho Cor Unum. *A fome no mundo*. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 10c.

49 Cf. *Ibidem*, n. 13.

53. Não há como deixar de mencionar a preocupante extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) em 2019 e o **desmonte de todo o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN)**, especialmente do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que facilitavam ao alimento saudável, produzido pela agricultura familiar, chegar à mesa dos pobres, das escolas e demais instituições do Estado, bem como o esvaziamento dos estoques reguladores da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

54. Esta é uma preocupação já denunciada antes: “As raízes da fome estão, especialmente, na distribuição iníqua da renda e das riquezas, que se concentram nas mãos de poucos, deixando, na pobreza, enormes contingentes populacionais nas periferias urbanas e nas áreas rurais. Essa concentração de renda e riqueza vem de longa data e segue uma lógica na qual o crescimento econômico do Brasil sempre aumenta a riqueza dos ricos, sem estender seus benefícios a quem não tem poder no mercado. A desregulamentação e a flexibilização dos mercados vêm retirando do Estado sua função social e política, em prejuízo do seu dever de justa intervenção na economia e na redistribuição da renda. Entregue à lógica do jogo de concorrência que lhe é própria, o mercado premia os fortes e pune os fracos, aumenta o desemprego e oferece remuneração tão baixa aos trabalhadores e à maioria dos aposentados que não lhes permite adquirir alimento para uma subsistência saudável”.⁵⁰ O estudo da Doutrina Social da Igreja com suas encíclicas sociais ilumina eficazmente a compreensão do papel do Estado.⁵¹

50 CNBB. **Alimento dom de Deus, direito de todos**. Exigências evangélicas e éticas para a superação da miséria e da fome.

51 Por exemplo, cf. FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da Casa Comum. (Documentos Pontifícios, 22). Brasília: Edições CNBB, 2016, n. 189 e FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. (Documentos Pontifícios, 44). Brasília: Edições CNBB, 2020, n. 172.

A geopolítica da fome no Brasil

55. Infelizmente, no Brasil a fome afeta com maior força os domicílios rurais, 18,6% dos quais enfrentam-na cotidianamente. Em termos geográficos, 25,7% das famílias em insegurança alimentar grave residem na região Norte; 21%, no Nordeste. A insegurança alimentar está também diretamente relacionada a outras condições de desigualdade. A fome está presente em 43% das famílias com renda per capita de até 1/4 do salário mínimo, e atinge mais as famílias que têm mulheres como responsáveis e/ou aquelas em que o/a chefe se denomina de cor preta ou parda. Está prioritariamente nas periferias do País, dos estados e das grandes cidades. O inquérito a que nos referimos acima (n. 21-25) mostra com clareza essa triste realidade. Norte e Nordeste do País, o interior dos estados e as periferias das grandes e médias cidades abrigam enormes bolsões de miséria e pobreza, onde milhões de pessoas são obrigadas a conviver diariamente com a fome. Ao passo que, no Sul e Sudeste, nas capitais dos estados e nos grandes centros urbanos, cresce o volume da riqueza⁵² de menos de 10% da população que detém cerca de 90% da riqueza nacional. Como afirmava em Puebla, São João Paulo II, “na América Latina certamente persiste a dinâmica perversa: **ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres**”.⁵³

56. A fome no Brasil não tem sido uma questão de prioridade. Alimentar os cidadãos não tem sido a primeira preocupação dos projetos governamentais. Os números aqui indicados demonstram que **a prioridade maior é o lucro**. Aos pobres resta a pecha social de que passam fome porque querem, uma vez que o Brasil é um país generoso, onde tudo que se planta dá. Mas não é bem assim. Sem teto, terra e trabalho digno, nenhum ser humano poderá viver com a dignidade de filhos e filhas de Deus respeitada e promovida.

52 Ironicamente, nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, onde se encontram os maiores bolsões de pobreza do país, encontram-se também os quadrantes imobiliários mais caros do Brasil.

53 João Paulo II. *Discurso Inaugural da Conferência de Puebla*, III, 3 (AAS, LXXI, p. 201). (Grifo nosso).

57. Ouçamos o Papa Francisco: “Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, em vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos ‘3T’ (terra, teto, trabalho), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudanças nacionais, regionais e mundiais”.⁵⁴ “Produzimos comida suficiente para todas as pessoas, mas muitas ficam sem o pão de cada dia. Isso constitui um verdadeiro escândalo, um crime que viola direitos humanos básicos. Portanto, é um dever de todos extirpar esta injustiça através de ações concretas e boas práticas, e através de políticas locais e internacionais ousadas”.⁵⁵

58. “É condenável que seres humanos sejam deixados morrendo de fome por causa da indiferença egoísta, com desperdícios alimentares e inúteis refinamentos gastronômicos; é moralmente condenável quem banqueteia enquanto o pobre espera inutilmente à porta (cf. Lc 16,19-21; cf. Sr 34,25-27). A festa, de fato, é para louvar somente se for vivida na hospitalidade, na convivialidade, no amor compartilhado”.⁵⁶

Fome e sede

59. A **escassez da água** é outro grave problema atual. Falta água para as atividades essenciais da vida moderna, como a geração de energia e o saneamento básico. A prioridade dada à geração de energia hidrelétrica afeta toda a cadeia produtiva do País. “Como dom de Deus, a água é instrumento vital, imprescindível para a sobrevivência e, portanto, um direito de todos. (...) A água não é um recurso ilimitado. Seu uso racional e solidário exige a colaboração de todos os homens de boa vontade com as autoridades governamentais, para conseguir uma proteção eficaz do meio ambiente, considerado como

54 Francisco. **Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares.** (Coleção Sendas), Brasília: CNBB, 2015, p. 9.

55 Francisco. **Mensagem à pré-cúpula sobre sistemas alimentares da ONU,** 26 de julho de 2021.

56 Pontifícia Comissão Bíblica. **O que é o homem?** Um Itinerário de Antropologia Bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022, n. 77.

dom de Deus (cf. Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, n. 25). É uma questão que necessita, portanto, ser enquadrada de forma a estabelecer critérios morais baseados precisamente no valor da vida e no respeito pelos direitos e pela dignidade de todos os seres humanos”.⁵⁷

60. O II VIGISAN identificou a coexistência da Insegurança Alimentar e da Insegurança Hídrica, indicando que 42% das famílias em situação de insegurança hídrica estão também sujeitas à fome. Em quase 65% dos domicílios onde falta água, seus moradores têm também restrita quantidade de alimentos. A combinação de insegurança hídrica e fome é maior nas regiões Norte (48,3%), Sudeste (43,0%), Centro-Oeste (41,8%) e Nordeste (41,2%). **Coexistem nas situações mais graves a fome e a sede!** No plano global, tanto o acesso aos alimentos quanto o acesso à água para consumo humano dependem, sobretudo, de condições socioeconômicas, políticas, geográficas e ambientais assentadas em políticas públicas que buscam garantir a realização desses direitos. De forma que, podemos afirmar que **não será possível garantir segurança alimentar sem que seja também garantida a segurança hídrica**, tanto com políticas específicas de abastecimento quanto com políticas estruturais de combate às mudanças climáticas, de proteção aos recursos hídricos e de regulação de uso dos mananciais.⁵⁸

Fome e crescimento demográfico

61. O rápido crescimento demográfico constitui uma causa ou uma consequência do subdesenvolvimento? Excluindo os casos extremos, a densidade demográfica não justifica a fome. Observemos, antes de mais, o seguinte: por um lado, é nos deltas e vales superpovoados da Ásia que foram aplicadas as inovações agrícolas da chamada “revolução verde” e, por outro, países pouco povoados como o Zaire ou a Zâmbia,

57 Carta do Papa João Paulo II ao Presidente da CNBB, por ocasião da abertura da CF 2004: Fraternidade e Água – “Água, fonte de vida”. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2004>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

58 REDE PENSSAN. *Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022.

embora pudessem alimentar uma população vinte vezes mais numerosa, sem exigir ingentes trabalhos de irrigação, continuam a enfrentar dificuldades alimentares. Os motivos dizem respeito aos desequilíbrios impostos pelos Estados, à política perversa, à má gestão econômica e aos interesses financeiros de explorar a natureza para mais enriquecimento (LS, n. 190).⁵⁹ Hoje em dia, considera-se que existem maiores possibilidades de reduzir um excessivo crescimento demográfico, empenhando-se em diminuir a pobreza de massa, em vez de vencer a pobreza, contentando-se em diminuir as taxas de aumento demográfico.⁶⁰

62. “Se é verdade que a desigual distribuição da população e dos recursos disponíveis cria obstáculos ao desenvolvimento e ao uso sustentável do ambiente, deve-se reconhecer que **o crescimento demográfico é plenamente compatível com um desenvolvimento integral e solidário**” de modo que isto “não seja usado como pretexto para escolhas políticas e econômicas pouco conformes à dignidade da pessoa humana” (CDSI, n. 483).

Fome e moradia

63. Atualmente, não existe no Brasil um censo nacional para saber e conhecer quem são as pessoas em situação de rua. Há uma estimativa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no período de setembro de 2012 a março de 2020, publicada em junho de 2020. Em março de 2020, estimava-se que 221.869 pessoas viviam em situação de rua no Brasil, o que representa um aumento de 140% quando comparado à estimativa em setembro de 2012, que correspondia a 92.515 pessoas. É importante salientar que esse número não reflete o período do agravamento da pandemia. Comtempora, apenas, até março de 2020, quando, no Brasil, eram confirmados os primeiros casos de COVID-19.

59 FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa Comum. (Documentos Pontifícios, 22). Brasília: Edições CNBB, 2016.

60 Cf. Pontifício Conselho Cor Unum. *A fome no mundo*. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 14-15.

64. É visível a olho nu, em todas as cidades de médio e grande porte no Brasil, o crescimento desenfreado das pessoas em situação de rua ou que moram em situações precárias. **A questão da fome e a questão da moradia andam sempre juntas**, mas em especial no crescimento da desigualdade social, acelerado pela pandemia. A situação é tão grave que os números apontados acima no Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil, da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN) não contemplam as pessoas em situação de rua, uma vez que é feito o aferimento por domicílio. **Estas pessoas são – de certa forma – invisíveis à sociedade brasileira.** O País precisa urgentemente de políticas sociais integradas que possam atender a população mais fragilizada que, sem renda ou com a diminuição dela, luta para pagar moradia e alimentação.

65. O processo de globalização da indiferença e a cultura do descarte se reinventam com novas formas de gerar exclusão. Nos grandes centros urbanos, tem se tornado comum o uso do que se convencionou chamar de **arquitetura hostil**. São artifícios arquitetônicos com o objetivo de impedir permanência de pessoas pobres, em especial em situação de rua, nos espaços públicos. O afastamento dos pobres e a impossibilidade de convivência com a sociedade ajudam a esconder o drama da fome e justificar a omissão da comunidade e do poder público.

66. A aversão e desprezo aos pobres, aos famintos e vulneráveis recebeu o nome de **aporofobia**⁶¹ e manifesta o tratamento dado a todos aqueles que são descartados por sua condição de classe, seja nos centros urbanos ou na multidão que recorre à migração para fugir da fome e da guerra. Em diversas situações, o pobre é visto como concorrente, como alguém que ameaça o emprego, a segurança e a atenção do Estado.

61 Do grego *á-poros* (pobre, desamparado, sem recursos) + fobia (medo, aversão). Repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria (cf. CORTINA, Adela. **Aporofobia**: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente, 2020).

Consequências da fome

67. “A fome ameaça não só a vida das pessoas, mas também a sua dignidade. Uma carência grave e prolongada de alimentação provoca a debilidade do organismo, a apatia, a perda do sentido social, a indiferença e, por vezes, a hostilidade em relação aos mais frágeis: em particular as crianças e os idosos”.⁶² Historicamente, a fome é um dos maiores destruidores da família, pois a **desestabiliza e desestrutura**, obrigando à separação por meio da migração forçada pela necessidade; gera **violência doméstica, violência no campo e na cidade** e leva à **perda do sentido da vida**. É causa do êxodo rural, tão presente em nossa história passada e presente. Os agricultores estão envelhecendo e os jovens, retirados de suas realidades, não querem mais voltar para o campo e permanecer na terra. As periferias urbanas vão inchando e os governantes assistem a isso de braços cruzados.

68. Há diversas **consequências no campo da saúde**, seja ela física ou psíquica. Pessoas expostas a riscos sociais de insegurança alimentar, leve ou moderada, substituem a alimentação saudável (alimentos naturais e pouco processados) por uma alimentação extremamente prejudicial à saúde (alimentos ultraprocessados, ricos em açúcar, sal, gordura e conservantes), dado que seus preços são menores. “A fome produz uma raça de crianças raquíticas, homens condenados à baixa estatura, deficiências irremediáveis no desenvolvimento intelectual e gente mais vulnerável a doenças (...) Com fome, o ser humano não se pode manter nem se defender dos ataques dos parasitas ou das forças naturais”.⁶³

69. Já conhecemos a associação de alimentos ultraprocessados a **doenças crônicas** como diabetes, doenças cardiovasculares, hipertensão, câncer, e ainda com problemas de saúde mental como depressão e ansiedade. Toda alimentação desequilibrada, com excesso

62 Pontifício Conselho Cor Unum. **A fome no mundo**. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 5.

63 CNBB. **Pão para quem tem fome**. Campanha da Fraternidade 1985, n. 17 e 12.

de ultraprocessados ou rica em carboidratos e gorduras, e pobre em vitaminas e proteínas, causa desequilíbrio e conseqüentemente desnutrição. Junto à má alimentação, vêm os efeitos metabólicos do excesso de gordura e carboidratos. Além de desnutridas, estas pessoas têm maior disposição a desenvolver colesterol alto e diabetes ao longo do tempo.

70. Há outro efeito da insegurança alimentar que também pode trazer sérios problemas de saúde. É o que os nutricionistas chamam de **“carga dupla da má nutrição”**, ou seja, a coexistência do excesso de ultraprocessados e da falta de nutrientes na alimentação. Assim, numa família que passa por uma situação de insegurança alimentar, pode haver indivíduos desnutridos e obesos ao mesmo tempo. O Brasil é campeão mundial em **obesidade** em crianças e mulheres em idade fértil.

71. As principais vítimas da insegurança alimentar são as **crianças**, já que, no caso delas, pode comprometer o crescimento e o desenvolvimento físico e cognitivo, uma vez que a anemia, que é a ausência de ferro no organismo, pode comprometer o desenvolvimento de órgãos, tecidos e o funcionamento cerebral, afetando capacidades como a **memória e a atenção, a leitura e a aprendizagem de linguagens** como um todo, o que por sua vez leva ao mau rendimento escolar. Esse déficit pode ser irreversível em situações de insegurança alimentar grave. Impactos dessa natureza não se resumem ao desempenho acadêmico, mas também afetam capacidades de tomada de decisão e o desenvolvimento socioemocional do indivíduo. **Crianças que sofrem de insegurança alimentar têm seu desenvolvimento e suas perspectivas de futuro prejudicadas.** Ao longo de uma vida, isso pode levar ao abandono dos estudos, menores perspectivas salariais ou baixa capacidade de manter um emprego fixo.

72. Nesse sentido, o último Relatório da UNESCO (2022) afirma: “O direito à educação está intimamente conectado a outros direitos humanos. Como garantidores de direitos, os Estados têm a responsabilidade de realizar esforços intersetoriais para criar as condições necessárias para viabilizar e facilitar a aprendizagem de todas

as crianças e jovens. Isso significa garantir o acesso a direitos fundamentais, como o direito à água e ao saneamento, à alimentação e à nutrição saudáveis, à proteção social, a viver em um ambiente familiar e comunitário estável e saudável, que promova o bem-estar emocional e físico e a viver livre de todas as formas de violência”.⁶⁴

73. No caso de adultos malnutridos, o problema é especialmente perigoso em **idosos e gestantes**, que correm maior risco de morte. Embora as doenças crônicas atinjam mais os adultos, crianças que se alimentam mal tendem a sofrer as consequências no futuro, com risco maior de desenvolver as mesmas doenças. Quanto mais avança a idade, pior se torna o quadro metabólico.⁶⁵

74. Além disso, é preciso cuidar para que os **ambientes educativos** sejam supridos com alimentos saudáveis e a própria educação contribua para uma vida saudável, para a partilha com os mais necessitados e para a sustentabilidade.

75. Ironicamente, temos uma crescente indústria de **proteínas caríssimas**, direcionadas a um público situado no outro extremo, o daqueles que podem pagar absurdos por seus alimentos *fitness*, enquanto outros, nada têm para comer. “Gastam-se somas incalculáveis para a satisfação de prazeres deprimentes, entre os quais avulta hoje o consumo de tóxicos e sua indústria”.⁶⁶

76. Uma consequência quase ignorada é o **aumento da criminalidade**. Muitos que hoje estão privados de liberdade, no sistema carcerário, já foram privados, ontem, da participação no sistema produtivo e no sistema de consumo, vindos, em grande número, de realidades de fome, miséria, desemprego e toda sorte de provações.

64 UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação.; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022, p. 107.

65 CNN BRASIL. **19 milhões de brasileiros vivem com fome; consequências na saúde são irreversíveis**. Por Camila Neuman. São Paulo, 28 de outubro de 2021. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/19-milhoes-de-brasileiros-vive-com-fome-consequencias-na-saude-sao-irreversiveis>. Acesso em: 2 de maio de 2022.

66 CNBB. **Pão para quem tem fome**. Campanha da Fraternidade 1985, n. 22.

77. Não existe no nosso País uma agência reguladora da alimentação, como existe para os medicamentos e outras realidades.⁶⁷ Uma entidade reguladora ajudaria a não nos alimentarmos mal por desconhecermos o que de fato os alimentos trazem para dentro de nós.

Fome e política

78. Herbert de Souza, o Betinho, que mobilizou toda a sociedade brasileira para o drama da fome na década de 1990, quando havia 32 milhões de famintos no Brasil, dizia que “**a alma da fome é política**”. Antes disso, Josué de Castro já denunciava a “**conspiração do silêncio em torno da fome**”: enquanto não se fala, parece que a fome não existe. Quando ouvimos falar da fome, é sempre uma expressão pontual e jamais estrutural. É melhor que a sociedade não conviva com a notícia da fome. Por isso, assistimos a um desmonte dos organismos de pesquisas. Também o Papa Francisco denotou este silêncio: “A respeito de tais crises, que fazem morrer de inanição milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome, reina um inaceitável silêncio internacional! Perante tal panorama, embora nos fascinem os inúmeros avanços, não vislumbramos um rumo verdadeiramente humano” (FT, n. 29).⁶⁸

79. Claro está que **quanto menos renda, mais fome**. E, com isso, há que se denunciar o fracasso e o desmonte das políticas de distribuição de renda no Brasil. “Governos recentes têm extinguido ou reduzido gastos nas políticas sociais, o que amplia a desproteção das camadas mais pobres da sociedade”.⁶⁹

67 Agência Nacional de Águas (ANA); Agência Nacional de Aviação Civil (Anac); Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel); Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS); Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel); Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq); Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT); Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa); Agência Nacional do Cinema (Ancine); Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis.

68 FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. (Documentos Pontifícios, 44). Brasília: Edições CNBB, 2020.

69 Análise de Conjuntura apresentada na 59ª AG da CNBB, em sua etapa virtual, no dia 25 de abril de 2022.

80. A gramática política brasileira se articula entre patrimonialismo, assistencialismo, clientelismo e uma grave crise das políticas públicas. O **patrimonialismo** – a confusão entre o público e o privado, o tratamento dado ao patrimônio público e sua administração como um bem privado, como algo próprio – estabelece que quem tem mais renda, come melhor, tem mais acesso ao poder. O **assistencialismo** é a exploração da fome como forma de garantir a presença na política municipal, estadual ou federal, em detrimento de uma política que acabe com a fome. O **clientelismo** é aquela velha tradição do coronelismo que tem a fome como elemento necessário para a troca de votos. As **políticas públicas** vivem uma grave crise seja pelo desmonte do Estado, seja pela dificuldade fiscal, seja, finalmente, pela absoluta falta de prioridade no combate à fome dentro de um modelo de Estado que tem os princípios da Constituição como elemento aglutinador da nação.

81. O **poder legislativo** tem grande responsabilidade nesse campo. Mudanças estruturais como as que o Brasil necessita para vencer a fome e a miséria ou o desmonte das políticas públicas que combatem a miséria e a fome, como as que o País tem sofrido, passam necessariamente pelas nossas casas legislativas. Nosso papel, enquanto cidadãos responsáveis que se deixam guiar pelo Evangelho, é escolher, mais do que pessoas, verdadeiros projetos políticos para o País. Por isso, é fundamental estar atentos aos programas dos partidos ou à sua ausência e também aos projetos dos movimentos sociais, a fim de que nossas escolhas políticas redundem em mais vida para todos.

82. No mundo todo e também no Brasil, numerosas **situações** subsistem, ou voltaram a impor-se, e **podem provocar a miséria e a fome**: revoluções sem êxito, deslocamentos de populações, desorganizações da agricultura, lutas tribais e genocídios, experiências altamente prejudiciais para as populações. Trata-se, sobretudo, do renascimento dos nacionalismos ideológicos, mas também das repercussões locais das lutas de influência que os países desenvolvidos alimentam entre

si.⁷⁰ “A política mundial não pode deixar de colocar entre seus objetivos principais e irrenunciáveis o de eliminar efetivamente a fome. Com efeito, ‘quando a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos, tratando-os como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome. (...) A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável’” (FT, n. 189).

83. Não se trata, por certo, de menosprezar as inúmeras ações emergenciais desenvolvidas por inúmeras pessoas, famílias, igrejas, Movimentos Sociais, ONGs e outras instituições. É, porém, necessário deixar claro que **a responsabilidade maior por enfrentar e solucionar os problemas da miséria e da fome pertence ao poder público**. Junto com ações da sociedade civil organizada, o Brasil, que já esteve fora do mapa da fome a ele regressando nos últimos anos, poderá novamente se distanciar de classificação tão angustiante.

84. Por fim, é indispensável salientar que os poderes públicos mais próximos da população, ou seja, no nível local, municipal, têm uma tarefa particular na superação da fome. É tarefa urgente dos municípios criar ou reativar seus **COMSEAs** (Conselhos Municipais de Segurança Alimentar) e fazer deles o instrumento primeiro de políticas públicas eficazes na superação da fome. Ainda neste âmbito, outra realidade que precisa ser valorizada é a **agricultura familiar**, pois ali se opera a resistência à fome.

Fome e cuidado com a Casa Comum

85. **A fome tem implicações ecológicas. Ela destrói um projeto de Casa Comum.** Como falar de Casa Comum se muitos habitantes desta casa, nossos irmãos e irmãs, vivem ou morrem diariamente com fome? Discutir a fome é discutir o modelo econômico que alimenta ou não os habitantes da Casa Comum, em um projeto de fraternidade universal.

70 Cf. Pontifício Conselho Cor Unum. **A fome no mundo**. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 16

86. “Hoje, a Igreja se faz eco do apelo que Deus dirige a Caim, quando lhe pede contas da vida do seu irmão Abel: ‘Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim...’ (Gn. 4,10). Aplicar estas duras palavras, quase insuportáveis, à situação dos nossos contemporâneos que morrem de fome não é um exagero injusto ou agressivo: estas palavras demonstram uma prioridade e desejam sensibilizar a nossa consciência. (...) Este apelo diz respeito a todos, e alimentamos a esperança de conseguir uma melhoria decisiva, graças a **relações humanas cada vez mais solidárias**”.⁷¹

87. “Nos países em vias de desenvolvimento, muitas vezes as populações que vivem de uma agricultura de subsistência de muito fraco rendimento, passam fome no intervalo de duas colheitas. Se as colheitas anteriores já foram insuficientes, a penúria pode sobrevir e provocar uma fase incisiva de subnutrição: ela debilitará os organismos, pondo-os em perigo precisamente no momento em que serão necessárias todas as energias para preparar a próxima colheita. **A carência compromete o futuro**: comem-se as sementes, dilapidam-se os recursos naturais e aceleram-se a erosão, a degradação ou a desertificação dos solos”.⁷²

88. Impossível falar sobre alimentação saudável sem considerar aqui a questão dos **agrotóxicos**. Combater a fome é construir saúde humana e ambiental. O Brasil é campeão mundial de uso de defensivos agrícolas, é o principal destino de agrotóxicos barrados no exterior. Nós não temos mais pragas, embora nossas sementes sejam selecionadas de modo a depender de muito pesticida, mas, por usarmos tanto agrotóxico há tanto tempo, nossas pragas ficaram e vão ficando cada vez mais resistentes. Aqui usamos defensivos que foram proibidos em 1985 na União Europeia. Aqui aplicamos dezenas de agrotóxicos por avião, perto de casas, hortas, animais, nascentes de

71 *Ibidem*, n. 2. (Grifo nosso).

72 *Ibidem*, n. 8.

rios e córregos, coisa que é proibida em outros países.⁷³ Nossas fontes hídricas são contaminadas e até mesmo no leite materno já foi identificada a presença de agrotóxicos.⁷⁴

89. Vilã da ecologia integral que zela por todos na Casa Comum é a **cultura do descarte e do desperdício**. E esta cultura está em nós. Precisamos, com responsabilidade, livrar-nos dela, assumindo um consumo consciente do que realmente é necessário, sem descarte ou desperdício. **Aquilo que descartamos ou desperdiçamos é, precisamente, o que falta à mesa dos famintos e miseráveis.**

90. Nas experiências de solidariedade alimentar a valorização dos povos originários, tradicionais e do campo⁷⁵ e de seus saberes comunitários agroecológicos⁷⁶ são inspiração para decisões de combate à fome e de resistência a estilos de produção alimentar contrários às dimensões da ecologia integral. As práticas comunitárias de cuidado e preservação do alimento que garantiram e garantem a biodiversidade das sementes e a soberania alimentar precisam ser reconhecidas, divulgadas e protegidas como bens culturais comuns. Entre essas práticas podemos citar os guardiões e as guardiãs de sementes nativas

73 PLANETA RENAST ONLINE. Entenda por que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. In: PIGNATI, Wanderley. Entenda por que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Entrevistado por: Mariana Lucena. *Revista Galileu*. Disponível em: <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/recursos/entenda-brasil-maior-consumidor-agrototoxicos-mundo>. Acesso em: 3 de maio de 2022.

74 PLANETA RENAST ONLINE. “Agrotóxicos: MT é campeão em câncer infantojuvenil e má formação fetal” alerta Wanderlei Pignati. Disponível em: <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/noticias/agrotoxicos-mt-campeao-cancer-infantojuvenil-ma-formacao-fetal-alerta-wanderlei-pignati>. Acesso em: 2 de julho de 2022.

75 Por exemplo, o grupo Semillas, na Colômbia (<https://www.semillas.org.co/>), as quebraadeiras de coco babaçu, o movimento das Mulheres Yarang, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Brasil, entre tantos outros.

76 Os saberes da agroecologia são uma “constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população”. E esses saberes “incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura” (LEFF, E. *Agroecologia e saber ambiental*. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v. 3, n. 1, p. 36-42).

e/ou crioulas,⁷⁷ os guardiões e guardiãs mirins de sementes (tanto em comunidades quanto em escolas), as casas de semente, as feiras de sementes, as festas de sementes, as redes de sementes, as romarias da terra e das águas, as hortas comunitárias, entre outras práticas, são expressões de resistência comunitária que cuidam e demonstram como construir a solidariedade alimentar. Essas iniciativas são um sinal de resistência, educação e espiritualidade ecológicas que se opõem às ações de biopirataria⁷⁸ que reduzem as sementes (o alimento) a mercadorias (sementes corporativas).⁷⁹

Fome e Educação

91. Neste sentido, a educação – tema da CF 2022 – é fundamental! Ela cumpre um papel insubstituível desde a família até a universidade, passando por todas as nossas práticas cotidianas. É na família que somos educados na primeira alimentação. Lá é o lugar onde devemos aprender, desde cedo, hábitos de alimentação saudável. É na primeira infância que se forma o paladar e com ele os hábitos alimentares saudáveis. Lá é o lugar onde aprendemos a partilha,

77 Os guardiões ao plantar, cuidar, multiplicar e guardar as sementes fazem uma defesa cultural, política, econômica e agroecológica das sementes. Segundo Alvarez Ramírez et al.: “Defender las semillas es considerarlas base y sustento de la identidad; la semilla es la que nos hace ser campesinos, indígenas y afros. Defender las semillas es tenerlas y usarlas como resistencia consciente y crítica ante las amenazas legales y comerciales por parte de las transnacionales y el estado-nación. Defender las semillas es fortalecer los mercados locales y regionales; recuperar el valor de uso de las semillas y producir la comida propia. Defender las semillas es no considerarlas un simple artefacto con formas, tamaños y colores, sino soberanía y autonomía alimentaria. Conservar las semillas es usarlas; pasar a la idea de que cada familia y cada comunidad son la casa de las semillas con libre intercambio” (ÁLVAREZ RAMÍREZ, F. Las escuelas campesinas de agroecología, centros de formación campesina y los custodios de semillas en los Andes tuluenseños (Colombia). *Revista de Investigación Agraria y Ambiental*, 4(2), p. 135-147, 2013. Disponível em: <https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/riaa/article/view/988>)

78 Cf. VANDANA, S. *Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

79 Cf. BARBOSA, M. *Casas de sementes comunitárias: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa*. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, Ceará, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riucf/16077>.

a fraternidade, a solidariedade. Lá aprendemos a superar a cultura da indiferença, quando o exemplo de nossos pais e avós são testemunhos de caridade concreta para com os mais necessitados. **Na escola precisamos aprofundar e aperfeiçoar estes bons hábitos, dando razões para eles.** É preciso cuidar da educação alimentar e da alimentação saudável nas escolas e universidades.

92. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é um dos exemplos de políticas públicas exitosas no combate à fome e à insegurança alimentar no Brasil. Desde 1955, o programa garante o direito à **merenda escolar** e condições nutricionais e de saúde para cerca de 40 milhões de estudantes em todo País. Há mais de uma década, 30% do valor destinado aos estados e municípios para a compra de gêneros alimentícios são diretamente adquiridos da agricultura familiar, assentamentos da reforma agrária e comunidades tradicionais, possibilitando alimentação saudável com produtos agroecológicos para as escolas do campo e da cidade. Mesmo diante do cenário de grave crise, em que a merenda escolar se tornou a única opção de alimentação diária de milhares de famílias, o governo federal reduziu a verba para o PNAE. O Observatório da Alimentação Escolar (OAE) e a Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (FINEDUCA) divulgaram nota técnica na qual apresentam que a não reposição inflacionária reduziu em 20% o orçamento do Programa Nacional de Alimentação Escolar entre os anos 2010 e 2020.⁸⁰ Muitos brasileiros se dedicaram a pensar a relação da fome e o desenvolvimento escolar e implementar ações e programas de segurança alimentar e nutricional, como Josué de Castro, grande motivador da Campanha de Merenda Escolar (hoje PNAE) e pioneiro no combate à subnutrição infantil, e

80 OBSERVATÓRIO DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR (ÓAE) E ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO (FINEDUCA). **Nota em defesa de reajustes nos valores per capita do Programa Nacional de Alimentação Escolar.** Estudo elaborado pelos(as) seguintes associados(as) da Fineduca: Nalú Farenzena (UFRGS), Adriana Dragone Silveira (UFPR), Cacilda Cavalcanti (UFMA), João Paulo Marra Dantas (UFG) e Thiago Alves (UFG). Outubro de 2021. Disponível em: https://alimentacaoescolar.org.br/media/notastecnicas/documentos/NOTAT%C3%89CNICAOAE_FINEDUCA.pdf. Acesso em 17 mai. 2022.

o educador Paulo Freire, que já dizia “de modo nenhum separar a luta para comer da educação”⁸¹

93. “Nessa educação para vencer a fome, como se tenta vencer a doença ou a ignorância, é importante que todos sejam sensibilizados não só para o particular e o imediato, mas, também para o global e para o que acontece a longo prazo”⁸²

O muito que se tem feito no combate à fome

94. Há muita gente lutando contra a fome no Brasil. **Muitas são as Igrejas, os Movimentos Sociais, as ONGs e outras instituições empenhadas no combate à fome.** Estabelecer entre estes diversos atores sociais sólidas parcerias é fundamental. É preciso visibilizar e valorizar as grandes redes de proteção alimentar que já existem e realizam um trabalho primoroso. O testemunho destas iniciativas será semente e oportunidade de novas iniciativas no combate à fome.

95. **A Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP)**, fundada em 23 de abril de 1833, em Paris, por 6 jovens universitários católicos, entre os quais o beato Antônio Frederico Ozanan, é uma organização civil de cristãos leigos e leigas dedicada ao serviço da caridade. Tem como objetivo aliviar o sofrimento das pessoas vulneráveis, refletindo e atuando sobre suas causas. Rapidamente a SSVP espalhou-se pelo mundo e está presente em 150 países, auxiliando diariamente cerca de 30 milhões de pessoas, por meio da dedicação dos cerca de 800 mil confrades (homens) e consócias (mulheres). No Brasil, a SSVP foi fundada em 1872 e hoje conta com cerca de 20 mil Conferências, com aproximadamente 153 mil membros, que mantêm creches, escolas, projetos sociais, lares de idosos e um contato semanal com cerca de 74 mil famílias em situação de necessidade. Além de atuar em situações

81 TV CULTURA. Escola Viva entrevista Paulo Freire. Programa produzido em 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bwvHZJLfYE>. Acesso em: 17 de maio de 2022.

82 CNBB. Pão para quem tem fome. Campanha da Fraternidade 1985, n. 90.

emergenciais provendo alimentos, roupas e remédios para pessoas em apuros, a SSVV procura encontrar formas de promoção e libertação das pessoas a quem ajuda.⁸³

96. A Caritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Caritas Internacional. Sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Camara, no combate à fome, à pobreza, à miséria e às injustiças. No Brasil, a Caritas é um organismo da CNBB e possui uma rede com 187 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações, atuando na ação evangelizadora da Igreja em todo Brasil. A ação solidária da Caritas Brasileira no combate à fome acontece de inúmeras maneiras, mas destacamos três iniciativas que contribuem com milhares de famílias na superação de sofrimentos e alcance de condições dignas de vida: 1) **Campanhas Emergenciais** voltadas para o socorro imediato de populações atingidas por tragédias;⁸⁴ 2) **Implementação de Projetos Produtivos Comunitários**, pequenas iniciativas apoiadas por parceiros no Brasil e pela Cooperação Internacional, que financiam grupos comunitários na produção de alimentos da agricultura familiar, na geração de trabalho e renda, no fomento e apoio a casas de sementes de comunidades e povos tradicionais; 3) **Incidência política**. A pobreza e a fome não são castigo de Deus. São resultado de um modelo social, político e econômico injusto. Por isso, a Caritas Brasileira não atua sozinha, busca sempre atuar articulada com os grupos comunitários, as pastorais sociais, as organizações da sociedade civil, os movimentos populares, na luta pela construção e implementação de políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos de todas as pessoas.

83 SSVV. *A Sociedade de São Vicente de Paulo*. Disponível em: <https://ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>. Acesso em 24 de maio de 2022.

84 Por exemplo, orgulhamo-nos da Ação Solidária “É Tempo de Cuidar”, uma ação da Igreja no Brasil que nos anos de 2020 e 2021, na tragédia provocada pela Covid-19, atendeu cerca de 2 milhões de famílias, alcançando um total de 8 milhões de pessoas. Em 2022, a Ação Emergencial “SOS Bahia e Minas Gerais: Solidariedade que transborda” chegou a mais de 13 mil famílias, que foram atingidas pelas enchentes e fortes chuvas entre o final de 2021 e começo de 2022.

97. Na década de 1970, as Comunidades Eclesiais de Base de São Paulo, em especial as mulheres, iniciaram uma ampla mobilização contra o alto custo de vida, exigindo congelamento de preços de gêneros de primeira necessidade e reposição salarial. A articulação ganhou o nome de **Movimento do Custo de Vida (MCV)**, conhecido também como **Movimento Contra a Carestia (MCC)**.⁸⁵ Hoje, estas articulações ressurgem graças às realidades similares em que vivemos.

98. A **Pastoral da Criança**, criada em 1983, pela médica Zilda Arns, ajudou a difundir a produção e o uso de um complemento alimentar de baixo custo, conhecido como multimistura, obtido a partir de farelos, folhas e sementes secas e trituradas. A multimistura, o soro caseiro e outras iniciativas da pastoral colaboraram, em um momento de muita vulnerabilidade e pouco investimento, para salvar crianças da desnutrição, efeito perverso da fome.⁸⁶ Com o advento da Política Nacional de Alimentação e Nutrição e com o acúmulo do tempo, o complemento alimentar deu lugar à promoção da alimentação nutricional saudável e à conscientização dos riscos dos alimentos ultraprocessados para as crianças.

99. Durante a pandemia, quantas toneladas de alimento saudável, sem agrotóxico, produzido pela agricultura familiar, foram distribuídas pelo projeto Orgânico Solidário, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e tantos outros? Quantas refeições foram feitas e distribuídas nas centenas de Cozinhas Solidárias? Quantas famílias foram resgatadas da fome pelas diversas iniciativas da

85 MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Alta do custo de vida mobiliza CEBS**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/alta-do-custo-de-vida-mobiliza-cebs>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

86 PASTORAL DA CRIANÇA. **Multimistura não cura anemia**. 14 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/anemia/multimistura-nao-cura-anemia>; **Ações da Pastoral da Criança contribuem para diminuir desnutrição**. 8 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/noticias/1165-acoes-da-pastoral-da-crianca-contribuem-para-diminuir-desnutricao>; **O legado da Dra. Zilda Arns - Frei Betto**. 18 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/triduo-dra-zilda-2020/o-legado-da-dra-zilda-arns>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

“Ação da Cidadania, contra a Fome, a Miséria e pela Vida” e do “Movimento dos Trabalhadores Sem Teto” (MTST)? Quanta comida de qualidade foi distribuída pela Conferência Nacional Popular por Direitos, Democracia, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional? Quanta merenda escolar foi garantida pelo Observatório da Alimentação Escolar? Quanto foi feito pelos Conselhos Estaduais de Segurança Alimentar e Nutricional? Quantos recursos foram captados e aplicados nesta guerra contra a fome e a miséria pela Actionaid, pela Oxfam Brasil, pelo Programa Mundial de Alimentos (WFP – *World Food Programme*) e tantos outros? Estes são apenas alguns exemplos. Outros podem ser acrescentados a partir da realidade local.

100. Sente-se, contudo, a ausência no cenário brasileiro dos **Bancos Éticos**, aqueles que conectam poupadores e investidores que querem transformar o mundo para melhor com empreendedores e empresas sustentáveis que fazem exatamente o mesmo. Com a missão de usar as finanças para o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentáveis, eles financiam empresas que agregam valor cultural e beneficiam as pessoas e o meio ambiente. Eles se dedicam a financiar mudanças positivas. Com essa intenção construíram um histórico de investimento em organizações que trabalham beneficiando a natureza ou o meio ambiente, negócios sociais e setores culturais e de bem-estar social. Eles entendem que o sucesso dessas organizações vai resultar numa economia sustentável que é melhor para as pessoas, o meio ambiente e a cultura. Infelizmente não há no Brasil nenhuma instituição financeira do tipo, afiliada à Aliança Global para Bancos com Valores (*Global Alliance for Banking on Values*).

101. A Fome é combatida com política pública. Essa premissa deve colaborar para a reunião de diversas iniciativas que renderam grandes resultados para o Brasil e que sofreram um processo de desmonte, justificando o retorno do País ao mapa da fome. Iniciada em janeiro de 2003, a Estratégia ‘**Fome Zero**’ nasceu com o objetivo de erradicar a fome e reduzir a pobreza extrema, com eixos, programas e ações que garantiam o acesso aos alimentos, fortalecimento da

agricultura familiar, acesso à água no semiárido e redistribuição e geração de renda.⁸⁷

102. A **CNBB** tem participação como *amicus curiae* (amiga da corte) na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADFP) 885, que propõe uma série de medidas para mitigar o cenário de insegurança alimentar no País. E participa como parceira de muitas outras iniciativas. Por intermédio do Fundo Nacional de Solidariedade (FNS), tem financiado, desde o início da pandemia, em 2020, projetos de auxílio a situações de insegurança alimentar.

A Economia Solidária

103. Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem. A Economia Solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, redes de cooperação, empresas de autogestão, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Nesse sentido, compreende-se por economia solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão.⁸⁸

87 Ministério do Desenvolvimento Social. **Fome zero: Uma História Brasileira**. Vol. I. Brasília: 2010. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Fome%20Zero%20Vol1.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

88 COOPERATIVA CENTRAL DE APOIO AO SISTEMA ECOSOL NO DF. **Economia Solidária**. Disponível em: <https://www.ecosolbasebrasil.com.br/index.php/economia-solidaria/videos/#::~:~:text=Economia%20Solid%C3%A1ria%20%C3%A9%20um%20jeito,todos%20e%20no%20pr%C3%B3prio%20bem>. Acesso em: 25 de maio de 2022

104. A Economia Solidária tem a pretensão de diminuir a desigualdade na sociedade, logo, é uma forma de economia colaborativa ao invés de competitiva. Só pode ser concretizada se houver plena igualdade entre todos que se unem para produzir, consumir, comerciar ou trocar. Neste sentido, não existe competição entre os sócios. Seus diretores são votados diretamente e se a cooperativa conseguir acumular recursos, a divisão do lucro é igual entre todos os participantes.

105. A Economia Solidária tem crescido no mundo, mas especialmente no Brasil, graças a diferentes fatores internos como o desemprego, o êxodo rural e a constante exclusão. O Projeto de Lei PLC 137/2017, aprovado no Senado, criou a Política Nacional da Economia Solidária (PNES), que auxilia e regulamenta o desenvolvimento de mais empreendimentos no modelo de Economia Solidária para que sejam verdadeiramente solidários, pois os empreendimentos para entrarem na PNES precisam cumprir uma série de requisitos. Existe hoje um projeto de lei em tramitação para exigir das cooperativas o pagamento dos direitos trabalhistas básicos para os cooperados, assim diminuiriam as cooperativas de fachada e aumentaria o desenvolvimento da Economia Solidária no Brasil.⁸⁹

A Economia de Comunhão

106. Nascido no Brasil em 1991, durante uma visita de Chiara Lubich às regiões marcadas pela pobreza, o projeto **Economia de Comunhão** tem um objetivo claro: produzir riquezas em prol de quem se encontra em dificuldade e fomentar uma nova cultura em que a economia não esteja atrelada ao individualismo e ao crescimento das desigualdades. Originada no seio dos Focolares, um movimento de inspiração cristã fundado em 1943, a Economia de Comunhão reúne empresas que se comprometem a empregar o seu lucro em favor de

89 AVENTURA DE CONSTRUIR. **O que é Economia Solidária?** Disponível em: https://aventuradeconstruir.org.br/o-que-e-economia-solidaria/?gclid=CjwKCAjwp7eUBhBeEiwAZbHwkbBD5lXkYqnJ05NR9fQi2T67lp2woJ0mut4_cMpWxAmvLvOV-_6vhoCkYAQAvD_BwE. Acesso em: 25 de maio de 2022.

três causas: 1) o sustento daqueles que se encontram em necessidade, 2) projetos de formação cultural e de incentivo ao empreendedorismo e 3) o incremento da própria empresa.

107. No Brasil, hoje, a Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom) reúne 177 empresas de 12 estados. No mundo todo, são mais de 800 empresas. As empresas ligadas ao movimento comprometem-se, em vista da superação da pobreza e da consolidação de um novo estilo de vida, com a disseminação de uma cultura de comunhão, com projetos de incentivo ao empreendedorismo – especialmente para jovens de baixa renda – e de superação de situações de vulnerabilidade econômica.⁹⁰

108. Além disso, buscam meios de exercer a gestão de forma mais participativa e de humanizar as práticas de mercado. A ideia é que uma nova cultura fundamentada em um novo jeito de enxergar o outro torne-se a base de novas relações com os funcionários, os clientes, os fornecedores e os competidores.

A Economia de Francisco e Clara

109. Em maio de 2019, o Papa Francisco convocou para março de 2020, em Assis, Itália, uma reunião com jovens economistas, empreendedores e ativistas – com até 35 anos – de todo o mundo para tratar de uma nova economia, chamada de “Economia de Francisco”. Foi naquela cidade que o jovem Francisco se despojou de toda a mundanidade para escolher a Deus como bússola da sua vida, tornando-se pobre com os pobres e irmão de todos. Sua decisão de abraçar a pobreza tornou-se inspiradora da crítica aos modelos econômicos que, voltados predominantemente para o lucro, acabam por desprezar os seres humanos e gerar fome. A opção preferencial de São Francisco pelos pobres e sua fraternidade convergem no caminho

⁹⁰ Cf. GAZETA DO POVO. **O que é Economia de Comunhão e por que essa ideia tem atraído cada vez mais adeptos.** Disponível em: [https://www.semprefamilia.com.br/virtudes-e-valores/o-que-e-economia-de-comunhao-e-por-que-essa-ideia-tem-atraido-cada-vez-mais-adeptos/#:~:text=Originada%20no%20seio%20dos%20Focolares,cultural%20e%20de%20incentivo%20ao](https://www.semprefamilia.com.br/virtudes-e-valores/o-que-e-economia-de-comunhao-e-por-que-essa-ideia-tem-atraido-cada-vez-mais-adeptos/#:~:text=Originada%20no%20seio%20dos%20Focolares,cultural%20e%20de%20incentivo%20ao.). Acesso em: 3 de maio de 2022.

de uma economia da partilha, da cooperação e da ecologia integral.⁹¹ A Economia de Francisco se transformou numa plataforma global de discussão e fomento de uma transição econômica e política.

110. O objetivo da Economia de Francisco e Clara é envolver jovens que, além das diferentes crenças ou nacionalidade, estejam de acordo no sentido de repensar e de humanizar a economia, isto é, torná-la mais justa e sustentável, assegurando um novo protagonismo para os pobres. A proposta é de fazer um pacto com os jovens a fim de mudar a economia atual e animar a do amanhã, para que seja mais justa, sustentável e com um novo protagonismo de quem hoje é excluído.

111. No Brasil, a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC) reúne juventudes, movimentos populares, intelectuais, pastorais e diversas religiões a fim de construir um pacto para “Realmar a Economia”. É movida por três eixos: território, movimentos populares e educação. A ABEFC centraliza esforços no fortalecimento de movimentos em torno de uma nova agenda econômica popular. Criou o selo das entidades produtoras da Economia de Francisco e Clara, reconhecendo que ela já existe nos povos que resistem à voracidade da economia da morte e constroem a economia da vida. São elas: o Fórum Brasileiro de Economia Solidária e a Rede Brasileira de Bancos Comunitários, que fomentam a inclusão social pela moeda solidária e crédito, gerando assim renda que combate a fome; a União Nacional das Organizações Cooperativas Solidárias (UNICOPAS),⁹² que fomenta uma arquitetura econômica que anuncia trabalho, cooperativismo popular e ecologia a partir dos pobres; a Articulação do Semiárido (ASA) e a Associação Nacional de Agroecologia (ANA), que refletem uma economia a partir dos biomas, reflorestando as cidades e campos, buscando energias renováveis com geração de cooperativas populares, ruralizando amplos setores para a construção da soberania alimentar. Estes são alguns passos para um novo modelo econômico que precisará de uma gestão voltada ao

91 Compreendida como biocêntrica, ou seja, toda a vida está no centro e não somente a humana.

92 Que agrega a UNISOL, a UNICAFES, a UNICATADORES e a CONCRAB.

investimento e democratização da economia por orçamento participativo, descentralização e fomento ao desenvolvimento territorial.

Onde todos são irmãos não há lugar para a fome

112. Depois de lançar o olhar sobre a realidade da fome em nosso País, uma inquietude deve ter tomado conta do nosso coração: nosso Brasil, terra rica, bela e abundante, cheia de um povo bom e solidário, não se parece com o Reino desejado por Deus e apresentado por Jesus. **Aqui, nem todos têm vida em plenitude!** Ainda não somos verdadeiramente irmãos e irmãs! Nosso País não é ainda nossa Casa Comum! Não formamos uma só família, dos filhos e filhas de Deus! Se assim fosse, a ganância, o individualismo, o domínio dos interesses individuais e, sobretudo, a fome não existiriam entre nós, ceifando vidas. Mas, **não podemos deixar de sonhar o sonho de Deus.** É preciso, levantar a cabeça e deixar que o projeto de Deus tome conta de nós e nos inspire como pessoas, como empresas, como comunidades fecundadas pelo evangelho da partilha, em vista de um mundo novo.

113. O papel da Igreja é profético. Cabe-nos defender os interesses de Deus, que são os interesses do pobre, do faminto. A fome ofende a Deus. A solução são políticas públicas eficazes. Não basta a solidariedade. “Se eu tenho fome, o problema é meu. Se meu irmão tem fome, o problema é nosso”, dizia o servo de Deus, Dom Helder Camara.

III -

ILUMINAR

com a luz da Palavra

*“Jesus, porém, lhes disse:
‘Eles não precisam ir embora.
Dai-lhes vós mesmos de comer!’”
(Mt 14,16).*

114. “A Palavra divina ilumina a existência humana e leva as consciências a reverem em profundidade a própria vida” (VD, n. 99).⁹³ Diante de questões tão dilacerantes como as que se percebem quando o quadro da fome é apresentado, apenas a Palavra de Deus tem o poder transformador de iluminar tantas sombras e indicar caminhos de esperança. Assim, diante do tema escolhido para a Campanha da Fraternidade 2023, a Igreja no Brasil também se coloca a serviço do Evangelho ao deixar que ele ilumine a reflexão e a ação, ouvindo mais uma vez as respostas que o Senhor já dera a gerações antigas e que ainda não foram devidamente ouvidas e incorporadas à prática cotidiana por muitos de nós.

115. É uma expressão de coragem deixar que o Evangelho nos interpele uma vez mais com o mandato tão claro e desafiador de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16), escolhido como lema da presente Campanha. Não é fácil ouvir o chamado à responsabilidade, porque, à medida que o texto bíblico ilumina o caminho que se abre quando tomamos consciência da nossa missão, ele também evidencia as sombras que existem em uma vivência distante do Evangelho, que tem se tornado rotineira e povoado o cotidiano da sociedade do nosso tempo. Colocar-se sob a luz da Palavra de Deus é, portanto, uma atitude

93 BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. (Documentos Pontifícios, 6). Brasília: Edições CNBB, 2011.

profética da Igreja, que vê a realidade e professa a fé de que só a Palavra pode responder às indignações mais veementes, como fonte de esperança, cuja escuta faz brotar alternativas para soluções concretas.

“Sim, eu conheço seu sofrimento” (Ex 3,7)

116. Segundo a Escritura, a fome sempre foi um flagelo do povo, sentido com grande compaixão por Deus. O Antigo Testamento registra a identidade de um Deus que, a partir do Êxodo, se revela comunitariamente como o Deus, que vê o sofrimento humano e age para sua libertação. São inúmeros os textos que tratam da fome e de sua saciedade, tanto em uma perspectiva metafórica e espiritual – tratando dos anseios humanos por Deus – quanto em uma perspectiva prática, impelindo à consciência da partilha e da solidariedade.

117. A perspectiva do Êxodo perpassa todo o Antigo Testamento, ditando as linhas gerais do relacionamento entre Deus e o povo. Tudo o que Israel pode relacionar a Deus e à Aliança com Ele advém da experiência exodal e de seus desdobramentos, como a identificação e pertença a um povo e a vida em comunidade. É imprescindível lembrar, portanto: o Deus que, no Êxodo, se revela libertador, também se revela como aquele que acolhe o flagelo da fome e alimenta. O Maná dado no deserto (cf. Ex 16), expressão que não se pode traduzir nem explicar, significa, em hebraico, a incerteza: “que é isto?”⁹⁴ É um alimento misterioso, assim como é Mistério quem o dá. O Maná não é apenas um preparo de ingredientes que sustenta para mais um dia no deserto, mas expressão da compaixão de Deus, que caminha junto de seu povo; é marca de sua presença constante, é sinal de seu poder prodigioso e é também provação para o povo que, diante da fartura, é chamado a não reter para si mais que o necessário. Em nosso tempo, é também Maná o mistério da fertilidade da nossa Casa Comum, que produz com generosidade mais do que o necessário ao nosso povo.

94 HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

A retenção egoísta por parte de poucos leva ao perecimento, assim como no deserto: não o perecimento do alimento, mas daqueles que não o têm.

118. Privar o outro ou a comunidade do acesso ao alimento é, portanto, ao lado da escravidão, um dos muitos flagelos que Deus rejeita ao tirar o povo do Egito. Portanto, assim como a rejeição da escravidão se torna um compromisso inerente à Aliança com o Deus, que não suporta a escravidão, também a partilha do alimento foi aos poucos se tornando sinal de pertença ao povo de Deus. Não é à toa que a fartura dos alimentos é uma virtude distintiva da Terra Prometida, para a qual rumava o povo no deserto, “terra onde corre leite e mel” (Ex 33,3). Não se pode deixar de lembrar que, antes de partir do Egito, Deus havia separado os que lhe eram tementes do restante da população por uma prova essencialmente ligada à partilha de alimentos: a ceia pascal da noite de libertação. Por isso, enquanto escravidão e fome pertencem à esfera do Egito, do seu faraó e da escravatura, a oferta de alimento para todos está ligada à libertação e à fidelidade ao Deus único.

119. Associada a isso está também a prática da hospitalidade. Como o povo hebreu experimentara a condição inóspita do Egito, a hospitalidade acabou se tornando uma grande virtude, que perpassou todo o Antigo Testamento. Há um ritual de hospitalidade sempre presente: uma saudação, o lavar dos pés, a partilha de um banquete. Quase sempre, aquele que peregrina, busca um abrigo para pernoitar e também um alimento que o possa sustentar para uma nova etapa da viagem. Oferecer o alimento é, portanto, uma parte do ritual de acolhida que representa a responsabilidade pelo outro, o oferecimento de uma proteção física, a solidariedade e a provisão das necessidades alheias. Há que se notar que Abraão acolhe o próprio Deus em sua tenda com um banquete (cf. Gn 18) e é recompensado com a dádiva da descendência. A viúva de Sarepta (cf. 1Rs 17,8ss) gasta suas últimas provisões para acolher o profeta peregrino e é recompensada com a vida para si e para o filho, por intermédio da vasilha que não mais se esgotava. Também Jesus acolhe em sua aliança os seus discípulos

por meio de uma Ceia (cf. Mc 14; Mt 26, Lc 22; Jo 13), no entanto, Ele não espera recompensas para si, mas faz de seu Reino a própria recompensa, por intermédio da entrega e doação de si mesmo, gesto de compaixão e dádiva de vida em plenitude. Oferecer alimento é, portanto, gesto de acolhimento que não necessariamente precisa ser o acolhimento em um espaço, mas significa o estabelecimento de uma aliança de responsabilidade e proteção.

120. Os profetas, por sua vez, denunciam a falta de cuidado e responsabilidade por aqueles que não têm o pão. A grande denúncia dos profetas dirige-se àqueles que não sabem transformar a fé professada em fé vivida. Para eles, de nada adiantam os sacrifícios oferecidos ou os jejuns praticados se tais gestos não impelem à responsabilidade pelas necessidades humanas dos mais vulneráveis: a viúva, o órfão, o pobre. Assim, palavras duras são ditas contra os que não se deixam indignar diante da fome de seu tempo, preocupando-se apenas em saciar seus desejos próprios (cf. Am 6,1-6; Ez 34) enquanto textos de grande esperança proclamam a saciedade com o alimento abundante (cf. Is 55,1-3). Também os livros sapienciais manterão a coerência com o pensamento profético (cf. Sr 4,1-6; 34,25-27).

121. No Novo Testamento, a atuação de Jesus, suas palavras e ensinamentos também transparecem a coerência com o Antigo Testamento em sua predileção pelos famintos como destinatários urgentes da ação daqueles que desejam ser fiéis à Aliança com o Senhor. Na oração que ensina aos seus discípulos, o pedido do pão de cada dia é primordial, porque em meio a poucas súplicas, ele está presente (cf. Mt 6,9-13). Dar um pão ao filho é atitude carregada de responsabilidade (cf. Mt 7,8-11) e é também sinal de cura e da chegada do Reino de Deus àqueles que de alguma forma são necessitados (cf. Mc 7,24-30). Não se pode deixar de perceber que o próprio Jesus utiliza da imagem do pão para referir-se ao significado de sua própria pessoa e à salvação que oferece (cf. Jo 6).

122. A prática das comunidades cristãs, que brilha a partir dos Atos dos Apóstolos como exemplo de perfeição, tem como característica principal a comunhão na fração do pão (cf. At 2,42-46). Fica

subentendido que tal comunhão não era apenas ritual, nas celebrações memoriais da Eucaristia, mas também material e cotidiana, porque todos eram corresponsáveis pelas necessidades mútuas que, decerto, incluíam a fome (cf. At 4,32), que eles temiam e procuravam evitar com grande empenho (cf. At 11,27-30).

123. O ápice da relação estabelecida entre o pão e a dimensão salvífica está, sem dúvidas, nos relatos eucarísticos. Deles, o mais antigo é o de 1Cor 11,17-34. A preocupação expressa por Paulo reside naqueles que insistem em celebrar a Eucaristia sem se comprometer com o amor mútuo ou com as necessidades práticas e objetivas de cada um. Os v. 20-21 deixam claro que a despreocupação com as necessidades alheias invalida o reto propósito da celebração da Ceia e, dentre tais necessidades, a mais evidente é a fome.

124. De todas as memórias sobre Jesus que as comunidades cristãs conservaram após a Ressurreição e, especialmente, dentre todos os discursos sobre o alimento e a partilha, merece destaque a lembrança do episódio da alimentação de uma multidão. Sua importância e historicidade são atestadas por sua permanência na tradição oral das primeiras comunidades e por sua predileção nos Escritos evangélicos. Contada e recontada pelos sinóticos e por João, a narrativa aparece seis vezes no Novo Testamento: Mc 6,30-44; Mc 8,1-9; Lc 9,10-17; Mt 14,13-21; Mt 15,32-39; Jo 6,5-15.

Um caminho orientado por Mateus

125. Cada Evangelho, ao reconstruir a narrativa dos mesmos fatos sobre Jesus, atende a expectativas e finalidades específicas, muitas vezes condicionadas pela audiência das comunidades às quais se dirige. Não é diferente com o Evangelho de Mateus. O segundo Evangelho, escrito na Síria, em torno do ano 80 a.C., tem como fonte o Evangelho mais antigo – Marcos – e, a partir de outros testemunhos, expande o seu projeto.⁹⁵ Enquanto Marcos se dirigia aos cristãos advindos do

95 THEISSEN, Gerd. *O Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2007.

paganismo, para ajudar as primeiras comunidades a entender como esses novos discípulos deveriam ser acolhidos, Mateus apresenta um objetivo mais conciliador. Ele une judeu-cristãos e gentio-cristãos em uma narrativa sobre Jesus que tem por objetivo demonstrar a amplitude do seu projeto e da sua salvação. Comparado aos demais Evangelhos, Mateus nos mostra Jesus mais por seus ensinamentos do que por seus feitos, pois, nesse Evangelho, Jesus aparece, sobretudo, como o Filho de Deus, que tem autoridade para apresentar a correta interpretação da Lei de Moisés.

126. Os textos que narram o milagre dos pães, portanto, de Evangelho a Evangelho, dão ênfase sobre aspectos distintos da vida e do ensinamento de Jesus, ainda que tratem do mesmo fato. Orientados, nesta Campanha da Fraternidade de 2023, por um trecho do Evangelho de Mateus, seguimos o mesmo caminho que o Evangelista traça: assim como os discípulos de Jesus outrora fizeram, colocamo-nos atentos aos seus ensinamentos, que se mostram para além de seus feitos maravilhosos, a fim de que nos tornemos, em cada Comunidade Eclesial, líderes a exemplo do Mestre.

127. O Evangelho de Mateus é grande aliado na expansão da mensagem cristã, especialmente no desenvolvimento de um conjunto de costumes e valores relacionados à misericórdia e à solidariedade pelas necessidades do outro, especialmente dos pobres. Como se podia perceber na mensagem profética do Antigo Testamento, a noção de que o amor a Deus devia ser traduzido no amor ao órfão, à viúva e ao estrangeiro já era central para o Judaísmo. A missão dos primeiros cristãos será responsável pela inserção da mesma noção no mundo pagão.⁹⁶ As noções já existentes a respeito do valor da solidariedade serão ampliadas como compromisso de todas as pessoas, não só daqueles mais abastados cujas posses sobravam. A misericórdia e o amor cristãos impelem, portanto, à partilha do muito e também à partilha do pouco que se tem. Não são responsabilidades de poucos ricos, mas compromisso de todos.

96 THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo.** São Paulo: Paulinas, 2009.

128. Nesse contexto, Mateus insere duas narrativas sobre a alimentação de uma multidão. São elas: Mt 14,13-21 e Mt 15,32-39. A escolha para orientar o caminho desta Campanha é pela primeira narrativa, sobre a qual recuperamos alguns detalhes importantes. A moldura do texto é de angústia: antes do episódio, Jesus ouve as notícias a respeito da morte de João Batista, constata a perseguição contra alguém que preparava o povo para a sua Boa-Nova e deseja retirar-se para um lugar em que pudesse estar sozinho (v. 13). Ao fim do episódio, Jesus consegue realizar sua intenção inicial e vai rezar sozinho, na montanha (v. 23). O que acontece entre a intenção de retirar-se e sua realização expressa a urgência do ministério de Jesus. Diante da fome das pessoas, Ele não pode nem mesmo colocar a própria angústia em primeiro lugar. Jesus é, em toda a sua vida e atuação, o grande exemplo de despojamento: Ele se esvazia do próprio sofrimento para dar lugar, em seu próprio coração, ao sofrimento do outro. Antes de curar o próprio coração, Ele se dedica a curar os sofrimentos dos outros – eis o exemplo da verdadeira compaixão. Por isso, também, o feito maravilhoso da alimentação da multidão não pode ofuscar o conjunto da ação de Jesus que aqui se expressa: sua compaixão vai além do pão oferecido. Ela já havia se manifestado pela cura dos enfermos (v. 14), pela companhia da palavra (v. 16), pela ordem e paz que sua presença proporcionava (v. 19).

129. O alimento que Jesus oferece como resultado de sua compaixão é, também, refeição de hospitalidade. As multidões se sentam na relva e comem com fartura, porque se sentem protegidas e amparadas, encontram em Jesus o lugar onde podem depositar aquilo que trazem sobre os ombros: não bolsas e alforjes, mas as preocupações e o peso da luta diária, que mais tarde o próprio Jesus carregará sobre os próprios ombros no pesado madeiro da cruz.

“Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16)

130. É possível deduzir que o tema da fome de uma multidão não é ocasional em Mateus, mas uma pauta urgente em seu tempo.

“Os Evangelhos revelam um povo sobrecarregado de dívidas e fome, atormentado pela paralisia física e social e, em geral, desesperado com as circunstâncias vividas”⁹⁷ e isso se deve à condição de pobreza estrutural da Palestina do primeiro século, causada especialmente por uma sede de desenvolvimento que não levou em consideração o empobrecimento de uma parcela da população. Os camponeses não tinham condições de arcar com a alta carga tributária imposta pelo Império Romano e, perdendo suas propriedades, eram forçados a migrar para as cidades, nas quais constituíam uma classe de pobres e mendicantes que eram marginalizados não apenas do ponto de vista social, mas também religioso.

131. À constatação da fome da multidão que os discípulos fazem, Jesus responde com uma ordem, um imperativo: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16). É o maior ensinamento da narrativa completa de Mt 14,13-21. Ainda que um primeiro olhar sobre o fato e sua narrativa possa ter fascinado a audiência de Jesus e os leitores de Mateus, desviando-lhes a atenção para o milagre, o centro do ensinamento do Evangelho está na ordem de Jesus. É uma conclamação à responsabilidade. O discípulo que constata a necessidade dos que estão ao seu redor, em virtude do caminho eclesial e da vida fraterna, não pode eximir-se da compaixão e da responsabilidade. A ordem de Jesus é um duplo convite que une interioridade e exterioridade, o espírito e a prática. Aquele que deseja seguir Jesus e, portanto, imitar sua ação, precisa aprender isto: a compaixão o impele a agir, assim como a percepção da realidade por parte dos discípulos deverá levá-los a uma atitude.

132. A responsabilidade mútua à qual a ordem de Jesus convida é coerente com suas próprias ações, portanto. A narrativa em questão começa apontando que “Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam enfermos” (Mt 14,14). A ação de Jesus é bem semelhante à ação libertadora na ocasião da saída do Egito. Deus vê a multidão dos seus filhos

97 HORSLEY, R. A. *Jesus e a espiral da violência: resistência judaica popular na Palestina Romana*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 112.

e sente compaixão pelas dores que eles sofrem. A narrativa de Mateus, em relação à de Marcos, traz uma novidade significativa: enquanto, no Evangelho de Marcos, a compaixão de Jesus o levava a ensinar às multidões (cf. Mc 6,34ss), em Mateus, sua compaixão o impele a ações práticas, concretas. Ele cura; os discípulos devem dar de comer. Quando olhamos os dois Evangelhos, de Mateus e de Marcos, percebemos que é o alimento dado pela Palavra que nos leva à preocupação com o pão para quem não o tem.

133. O chamado à responsabilidade como imperativo para o grupo de discípulos de Jesus evita que eles caiam na tentação de um dos pecados fundamentais, condenados pela Escritura desde o Gênesis. No conjunto de narrativas fundantes para a religiosidade judaica – depois também incorporadas à fé cristã – temos um grande exemplo da morte à qual é conduzido todo aquele que deseja esquivar-se de tal responsabilidade fraterna. Após a narrativa da desobediência de Adão e Eva, por meio da qual Israel podia refletir sobre seu relacionamento com o Deus Único e evitar todo o tipo de rompimento, temos a narrativa do fratricídio de Caim (cf. Gn 4), que regulamenta as relações interpessoais também a partir da ótica divina. Para além do ato objetivo do fratricídio, o pecado de Caim consiste em fugir à sua responsabilidade sobre o irmão, o que ele expressa claramente em sua resposta à interpeção divina: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). Assim, a mancha impressa pelo fratricídio que Caim pratica contra seu irmão começa bem antes de ele derramar seu sangue, remonta à insensibilidade por sua vida e à indiferença sobre seu bem. É o próprio Jesus quem oferece as bases para tal constatação, porque também sua leitura da Lei responsabiliza intenções, antes mesmo de condenar as práticas. Basta recordar sua radicalização da Lei em Mt 5,21-22: “Ouvistes que foi dito aos antigos: ‘Não cometerás homicídio: quem cometer homicídio, será réu no julgamento.’ Eu, porém, vos digo: todo aquele que tratar seu irmão com ira, será réu no julgamento”.

134. À indiferença, portanto, Jesus contrapõe a responsabilidade fraterna. Os discípulos constatam a necessidade do outro, assim como o faz Jesus, em seu primeiro olhar. O modelo passa a ser sua própria

ação. Ele não despede ninguém sem saciar sua fome ou sua sede, Ele não se contenta em oferecer o alimento de sua Palavra, que sacia o anseio mais profundo do coração. Ele deseja que aqueles que encontram conforto em seu pastoreio também vivam dignamente. Ao multiplicar e oferecer o pão, Jesus cria um paradigma antagônico a Caim e, ao discípulo, resta uma escolha: a sensibilidade profética que age para suprir as necessidades do outro é o fundamento da ação ensinada por Jesus. Mas quem age com passividade diante da fome constatada une sua voz à de Caim.

Um novo Moisés

135. Essa narrativa, como outras em Mateus, apresenta uma clara referência a textos do Antigo Testamento, sem deixar de lhes impor um novo significado a partir de Jesus. Isso atende muito bem às intenções do Evangelho que, lido por um grupo de cristãos advindos do Judaísmo, precisava evidenciar o lugar de sua antiga fé na novidade cristã professada.

136. O texto de Mt 14,13-21 faz uma sutil referência à conhecida narrativa do deserto, em que o povo é alimentado pelo próprio Deus com o Maná. Na narrativa de Mateus, é também o Senhor quem alimenta seu povo, sensível à sua fome de pão. Por duas vezes, Mateus faz questão de ambientar o acontecimento em um lugar deserto (v. 13.15). Da simbologia que o deserto assume na Sagrada Escritura, sabemos que ele é lugar de provações e de renúncias, lugar onde os desejos mais profundos se revelam. Não é à toa que o Deuteronômio irá formular que Deus levou seu povo ao deserto “para conhecer o que estava em seu coração” (Dt 8,2). É na falta, no jejum forçado, no despojamento de todas as seguranças e na ansiedade pela própria sobrevivência, que também o coração se despe.

137. Como novo Moisés, Jesus se mostra à multidão como aquele que, nos desertos mais terríveis, pode prover o sustento mesmo diante da aparente impossibilidade. Mas nós, leitores e leitoras do Evangelho, não nos colocamos no lugar de Jesus ou da multidão faminta, mas no

lugar dos discípulos: levados ao deserto com o Novo Moisés, também o nosso coração se tornará conhecido, ao fazermos a experiência do caminho fraterno. A Quaresma é ocasião para celebrarmos o deserto. Não para vivermos uma grande mortificação sem objetivos, mas para deixar que nosso coração seja provado pelas circunstâncias que enfrentamos. O grande deserto da Quaresma pede de nós uma revisão crítica de vida, que se faz em uma dimensão individual, olhando para nós mesmos e para nosso relacionamento com o Senhor, mas que também se faz em uma dimensão relacional, olhando para a forma como habitamos nosso mundo e nossa sociedade, a forma como nos sentimos responsáveis pelos nossos irmãos.

138. Jesus, o Novo Moisés, nos ensina que Deus continua a alimentar seus filhos e o faz não mais com o Maná que cai dos céus, mas por intermédio da responsabilidade fraterna daqueles que se fazem discípulos. À diferença de Moisés, Jesus não age sozinho. Ele convida os discípulos a participarem do que Ele realiza, ordena que os discípulos reconheçam e ocupem seus lugares. No deserto, Jesus conhece os corações: Ele faz o discernimento entre aqueles que precisam ser alimentados e aqueles que, mesmo sendo discípulos ainda imaturos, podem alimentar os irmãos. Com sua ação pedagógica, Ele também ajuda os discípulos a começarem esse caminho de discernimento: eles se sentem interpelados pelas necessidades do outro. A questão é: estamos dispostos a progredir nesse deserto, alcançando um primeiro estágio de percepção das necessidades do outro, mas também nos dispostos ao segundo estágio, que é assumir nossa responsabilidade sobre as necessidades do outro?

139. Se o caminho quaresmal é um sinal do caminho que trilhamos rumo à salvação plena, a Páscoa, é oportuno acompanhar o modo como Jesus é mostrado no Evangelho de Mateus. Como Novo Moisés, Ele dá novas e definitivas condições para a salvação. Nem todo o que o invoca piedosamente entrará no Reino dos Céus (cf. Mt 7,21). Mas Ele reconstrói as condições recuperando a perspectiva ética do Antigo Testamento, desde a regra de ouro – “Tudo, pois, quanto quereis que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles”

(Mt 7,12) – até sua formulação definitiva: “pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede e me destes de beber; (...) todas as vezes que fizestes isso a um destes mínimos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,35.40).

Um novo Eliseu

140. O texto de Mt 14,13-21 também nos remete a outra narrativa do Antigo Testamento, porém de maneira mais explícita. Eliseu, segundo a narrativa de 2Rs 4,42-44, também é desafiado a alimentar uma multidão com poucos pães. Em uma narrativa muito semelhante à da história de Eliseu, Mateus faz, de novo, o que lhe é muito próprio: demonstra a continuidade e a ruptura de Jesus com relação ao Antigo Testamento. Primeiro, Jesus é maior que Eliseu: enquanto o profeta alimentara cem pessoas com vinte pães, Jesus saciara muito mais de cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes. Mas apesar disso, Jesus dá valor e lugar à profecia. Ele é o Profeta por excelência, aquele que alimenta com a Palavra, que sustenta o ser humano com uma confiança inabalável em Deus, que anuncia a salvação para aquele que permanece fiel ao Senhor, mas que também não aceita a injustiça e por isso trabalha em favor da dignidade humana.

141. A profecia do Antigo Testamento trazia como destinatários diletos da atividade profética aqueles que sofriam com as estruturas injustas – o estrangeiro, a viúva e o órfão. Com frequência, os profetas manifestaram sua indignação diante da injustiça. Jesus também o fez, especialmente quando essas estruturas se aliaram ao Templo, para oprimir as pessoas sob a máscara de uma observância religiosa vazia. Hoje, é imperativo assumir a responsabilidade pelas necessidades do outro e é imperativo, também, reconhecer que os diletos da atividade cristã, especialmente no caso brasileiro, são os que formam a grande parcela da população que se encontra sob os diferentes níveis de insegurança alimentar. Animados biblicamente, é imperativo que tenhamos a coragem de assumir uma postura profética diante desse cenário atual.

A Igreja que distribui a Eucaristia partilha, também, a compaixão

142. A narrativa de Mt 14,13-21 traz um ensinamento aos discípulos, ainda que a saciedade seja destinada à população numerosa e anônima. Jesus exerce sua misericórdia e dá sinais de sua salvação, orientando a ação dos seus discípulos. Por isso, muitos comentadores viram, nessa narrativa, o protótipo de organização da comunidade cristã. Os discípulos de Jesus são formados para a confiança na graça de Deus, que alimenta uma multidão mesmo que os recursos à disposição sejam aparentemente insuficientes. Eles aprendem de Jesus a iniciativa e a liderança,⁹⁸ a mediação entre Jesus e o povo. Por isso, são imagem dos pastores que, na Igreja primitiva e na Igreja contemporânea, distribuem o alimento que vem do céu sem perderem a consciência da responsabilidade social.

143. São muitos os sinais literários que permitem identificar o texto de Mt 14,13-21 à Eucaristia. O marco cronológico do v. 15 — “Ao entardecer” — é o mesmo da última Ceia (cf. Mt 26,20). A fórmula do v. 18 — “Ele disse: Trazei-os aqui” — aponta para a solenidade ritual das palavras de Jesus em sua Páscoa (cf. Mt 26,26). Os peixes não são aqui apresentados em relevo, porque a ênfase está sobre o pão que Jesus dá. Os discípulos são encarregados de trazer a Jesus a pequena oferta que conseguem e de distribuir entre a multidão o pão que Jesus dá. De fato, a Eucaristia é o grande alimento que Jesus oferece à humanidade e a Igreja a reparte de maneira perene, mantendo viva a fé no Senhor e construindo, a partir dela, a unidade e a comunhão fraternas.

144. Somos, então, convidados a compreender em que sentido o capítulo 14 é uma referência à Eucaristia: para além do milagre, está o ensinamento de Jesus. Assim como João, mais tarde, associa à Eucaristia o serviço aos irmãos — o que ele representa no gesto do

98 BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

lava-pés e no mandamento do amor, situados no contexto da Ceia pascal — Mateus associa à Eucaristia a responsabilidade pela necessidade do outro. Só se pode construir comunhão se todos, diante do Senhor, coexistem como iguais, com necessidades que se equilibram por meio da ajuda mútua. É imprescindível recordar que a Igreja dos primeiros séculos colocava tudo em comum e, assim, vivia a comunhão não somente no ritual, mas na vida cotidiana (cf. At 2,42ss). Jesus, assim, acresce ao compromisso de repartir e distribuir a Eucaristia a responsabilidade pela fome dos irmãos, o comprometimento sobre as necessidades mútuas.

145. A narrativa de Mateus é construída a partir de símbolos, expressando ideias que de modo algum podem ser consideradas secundárias. Inicialmente, há 5 pães e 2 peixes, o que representa um total de 7 ofertas: o número da plenitude, da totalidade e da perfeição que dá à partilha de Jesus uma conotação de nova criação ou, ao menos, da criação de uma nova lógica de comunhão que regerá a comunidade dos seus discípulos e as novas comunidades que eles são chamados a reunir. À multidão dos que são alimentados, no entanto, Mateus não impõe uma restrição numérica. Todos são saciados por Jesus e o número daqueles que encontram nele o alimento não para de crescer. Mas é interessante que mesmo a imprecisão do Evangelho tenha algo a indicar. São doze os cestos das sobras, o que representa as doze tribos de Israel reunidas aos doze discípulos da Nova Aliança. Os que comem são cinco mil, sem contar mulheres e crianças (v. 21). O acréscimo é importante, porque os cinco mil poderiam bem se tornar vinte ou trinta mil se considerássemos as famílias completas. Considerando que a população judaica total da Palestina daquele tempo era estimada em meio milhão de pessoas, Jesus alimenta uma porcentagem considerável da população de uma só vez. Os relatos da alimentação da multidão ganham, assim, um caráter social que os difere de outras simples narrativas de curas, individuais: “Além dos milagres relacionados à natureza ou dos milagres morais (o povo compartilhou seus mantimentos de modo que todos tivessem o suficiente), devemos

ver o milagre social”.⁹⁹ Jesus se manifesta a uma sociedade marcada pela fome e por tantas outras formas de sofrimento. Jesus convoca à responsabilidade, à partilha, à solidariedade (Cf. FT, n. 114-117).

Eucaristia e responsabilidade social

146. Nos primeiros séculos da era cristã, aqueles que se decidiam pelo discipulado de Jesus pareciam ter mais consciência a respeito das relações entre a Eucaristia e a responsabilidade social do que hoje temos. Os Atos dos Apóstolos dão testemunho desse compromisso. Hoje, a Igreja precisa relembrar às comunidades contemporâneas que a celebração da Eucaristia não nos faz uma comunidade de eleitos, separados do restante do mundo, premiados com uma realidade sublime, mas nos transforma em pessoas incumbidas da missão dada por Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16). O seguimento de Jesus que, hoje, nos faz também presenciar seus sinais quando a Ele somos próximos, não deve nos paralisar, mas nos preparar para voltar aos lugares de onde viemos com o objetivo de transformar o nosso mundo — todo ele —, em um lugar um pouco mais próximo da realidade sublime, ideal e perfeita que temos a esperança de habitar ao final da nossa peregrinação terrena.

147. Para São Jerônimo, “a glória do bispo é ajudar a necessidade dos pobres; e a ignorância de todo sacerdote é afanar-se por suas próprias riquezas”.¹⁰⁰ O nosso tempo precisa redescobrir o brilho da solidariedade e a glória que habita o coração daqueles que se dedicam à compaixão como modo de imitar e viver segundo o próprio Cristo. Essa transformação não acontece se, da Eucaristia celebrada, desejamos apenas uma conversão individualista e interior, sem que nos comprometamos a deixar que a graça divina que nos alimenta transborde do nosso coração para a vida dos que estão à nossa volta. Por isso, o desafio cristão é encontrar alternativas para realizar tal vocação não apenas em um aspecto individual, mas também comunitário e

⁹⁹ *Idem*, p. 185

¹⁰⁰ PL 60, p. 306.

eclesial. No exemplo da comunidade cristã primitiva, nenhuma pessoa passava fome (aspecto individual), porque todos colocavam tudo em comum (aspecto comunitário).

148. São João Crisóstomo, na sabedoria de quem escuta a Palavra de Deus e entende a coerência à qual ela convida, chamava a atenção: “Muitos cristãos saem da igreja e contemplam fileiras de pobres que formam como muralhas em ambos os lados e passam longe, sem se comover, como se vissem colunas e não corpos humanos. Apertam o passo como se vissem estátuas sem alma em lugar de homens que respiram. E, depois de tamanha desumanidade, se atrevem a levantar as mãos ao céu e pedir a Deus misericórdia e perdão pelos seus pecados”.¹⁰¹

149. Sobre os compromissos advindos da participação na Eucaristia, ele também afirma: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Então não o desprezes nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres no templo com vestes de seda, enquanto o abandonas lá fora ao frio e à nudez. Aquele que disse: ‘Isto é o Meu Corpo’ (Mt 26,26), e o realizou ao dizê-lo, é o mesmo que disse: ‘Porque tive fome e não me destes de comer’ (cf. Mt 25,42); e também: ‘Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer’ (Mt 25,45). (...) Que proveito resulta de a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se ele morre de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto, e depois adornarás o seu altar com o que sobrar. Fazes um cálice de ouro e não dás ‘um copo de água fresca?’ (Mt 10,42). (...) Por conseguinte, enquanto adornas a casa do Senhor, não deixes o teu irmão na miséria, pois ele é um templo e de todos o mais precioso”.¹⁰²

150. “A Eucaristia clama por uma nova ordem econômica e para a globalização da solidariedade. O pão da vida é também uma ordem para o pão da mesa. Daí a necessidade de repartir o bem-estar de uns

101 JOÃO CRISÓSTOMO. *Discurso 5 sobre o Gênesis*, PG 54, p. 602-604.

102 JOÃO CRISÓSTOMO, PG 58, p. 508-509.

para dar possibilidade de vida a outros, lembrando que o Criador destinou os bens da criação para todos. A Eucaristia reforça o destino universal dos bens. Aí está o mundo novo antecipado na Eucaristia, que é um projeto de solidariedade”.¹⁰³

151. Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, o Papa Bento XVI afirmou: “A união com Cristo, que se realiza no sacramento, habilita-nos também a uma novidade de relações sociais: ‘a mística do sacramento tem um carácter social, porque (...) a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou hão de tornar seus’ (DCE, 14). A propósito, é necessário explicitar a relação entre mistério eucarístico e compromisso social. (...) Através do memorial do seu sacrifício, Ele reforça a comunhão entre os irmãos e, de modo particular, estimula os que estão em conflito a apressar a sua reconciliação, abrindo-se ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça. A restauração da justiça, a reconciliação e o perdão são, sem dúvida alguma, condições para construir uma verdadeira paz; desta consciência nasce a vontade de transformar também as estruturas injustas, a fim de se restabelecer o respeito da dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus; é através da realização concreta desta responsabilidade que a Eucaristia se torna na vida o que significa na celebração. (...) Na perspectiva da responsabilidade social de todos os cristãos, os padres sinodais lembraram que o sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente (...) Precisamente em virtude do mistério que celebramos, é preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem, pelo qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa” (SCa, n. 89).¹⁰⁴

103 BRANDES, Dom Orlando. *Eucaristia e amor social: os pobres e a fome. Encontros Teológicos*. Florianópolis, ano 21, n. 2, 2006, p. 61.

104 BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. (Exortações Apostólicas)*. Roma, 22 de fevereiro de 2007.

152. Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, o Papa Francisco afirma: “é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; ou então relativizam-no como se houvesse outras coisas mais importantes, como se interessasse apenas uma determinada ética ou um arrazoado que eles defendem. A defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque nesse caso está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada, e exige-o o amor por toda a pessoa, independentemente do seu desenvolvimento. Mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados, nas novas formas de escravatura e em todas as formas de descarte. Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo, onde alguns festejam, gastam folgadoamente e reduzem a sua vida às novidades do consumo, ao mesmo tempo que outros se limitam a olhar de fora enquanto a sua vida passa e termina miseravelmente” (GeE, n.101).¹⁰⁵

153. Também são significativas as palavras do Pe. Pedro Arrupe, Prepósito-Geral dos jesuítas entre 1965-1983, no Congresso Eucarístico de Filadélfia, em 1976: “Se em alguma parte do mundo existe fome, nossa Celebração Eucarística está de alguma maneira incompleta. Na Eucaristia recebemos Cristo que tem fome no mundo. Ele vem ao nosso encontro junto com os pobres, os oprimidos, os famintos da terra, que através dele nos olham esperando ajuda, justiça, amor expresso em ações. Não podemos receber plenamente o pão da vida, se não damos ao mesmo tempo pão para a vida daqueles que se encontram em necessidade onde quer que estejam”.¹⁰⁶

105 FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. (Documentos Pontifícios, 33). 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

106 Pedro ARRUPE. Palestra feita no Congresso Eucarístico de Filadélfia, em 1976.

154. De fato, a fraternidade cristã se alcança com profecia e compaixão. A comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor nos faz viver de acordo com seus paradigmas, faz nossas as suas prioridades. Não participa efetivamente da comunhão que a Eucaristia constrói aquele que não está disposto a assumir para si a compaixão com a qual Jesus se comprometeu ou a entrega de si que Ele realizou, ou mesmo a profecia que Ele assumiu, na radicalidade de suas palavras e de sua indignação diante da injustiça. Assim ensina o Papa Francisco: “Na Eucaristia, contemplamos e adoramos o Deus do amor. É o Senhor que não divide ninguém, mas divide a si mesmo. É o Senhor que não exige sacrifícios, mas sacrifica a si mesmo. É o Senhor que não pede nada, mas dá tudo. Para celebrar e viver a Eucaristia, também nós somos chamados a viver este amor. Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade. No fim de tudo, inclusive das nossas solenes Liturgias Eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nos deixamos transformar, tornando-nos pão partido para os outros”¹⁰⁷

155. O texto do Evangelho escolhido para motivar a Campanha da Fraternidade deste ano, assim como o conjunto da Sagrada Escritura e da Sagrada Tradição, convida-nos à contemplação do não dito, do não expresso, do indizível. Desafia-nos a contemplar, lançando-nos corajosamente à vivência do que é mistério, sem buscar o atalho humano da tentativa da explicação. Na narrativa de Mateus, no princípio, há uma multidão faminta e os discípulos não sabem o que fazer. São ofertados pães e peixes, mas aparentemente insuficientes para alimentar uma multidão. No fim, todos estão saciados e o alimento ainda sobra. O que há entre uma situação e outra? Há Jesus, que não obstante o mistério de sua pessoa e ação, ensina aos discípulos o que precisa ser

107 FRANCISCO. Santa Missa na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, 6 de junho de 2021.

feito. Há a graça advinda de Jesus, mas também o serviço que cada discípulo aprende e executa. Há apenas um fio a costurar todos os acontecimentos dessa narrativa e tal fio é o do mistério inefável da compaixão de Deus, que não se deixa levar pelo sentimento, mas se torna ação concreta e saciedade das necessidades mais simples, mais humanas. Quando olhamos para a situação da fome no Brasil e nos deparamos, também, com a fartura da produção e da exportação de alimentos e quando, pela fé, temos a certeza de que não nos faltam Jesus e sua graça, fica claro que só pode mesmo estar faltando o serviço do discípulo, o nosso serviço.

156. A fraternidade cristã só se torna realidade com profecia e compaixão – e há que se dizer que, diante da fome, a profecia começa sendo compaixão para depois tornar-se algum tipo de ação concreta, individual, comunitária, eclesial e socioambiental.

IV -

AGIR

para transformar a realidade da fome

“E MANDOU que as multidões se sentassem na relva. (...)

*PARTIU os pães e DEU aos discípulos,
e os discípulos os DISTRIBUÍRAM às multidões”*
(Mt 14,19).

157. A **FOME** nos desafia e desinstala. É preciso agir! Não é possível ficar parados diante do grito da realidade brasileira e do mandamento de Jesus. É a dimensão social da fé que exige de nós engajamento na busca de soluções eficazes para o drama da fome. A realidade da fome chega ao coração do Bom Pastor e Ele mobiliza os seus discípulos missionários para uma ação pontual que resolva aquele problema, não a partir da lógica do dinheiro ou da indiferença, mas a partir da lógica de Jesus e do seu Evangelho.

158. É esta a lógica que motiva a nossa Quaresma, que faz com que nos dediquemos ainda mais à frequente celebração da Eucaristia, à escuta atenta da Palavra e aos exercícios da oração, do jejum e da esmola. Todas estas experiências nos recordam que o pão não é meu, **o pão é nosso!** É nosso quando o celebramos eucaristicamente, quando dele nos alimentamos na Leitura Orante da Bíblia. É nosso quando rezamos como Jesus nos ensinou e é nosso mesmo quando o renunciamos no jejum para partilhá-lo na esmola. **O motor do nosso agir não é outro senão a mística do Seguimento de Jesus,** no qual a solidariedade nasce da espiritualidade, do encontro verdadeiro e transformador com o Deus do Reino, Pai nosso, e com o Reino de Deus. “O pedido que repetimos em cada Missa: ‘O pão nosso de cada dia nos dai hoje’, obriga-nos a fazer tudo o que for possível, em colaboração com as instituições internacionais, estatais, privadas, para que cesse ou pelo menos diminua, no mundo, o escândalo da fome e da

subnutrição que padecem muitos milhões de pessoas, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento” (SCa, n. 91).

159. A caridade não pode morrer entre nós cristãos. Ela é o nosso distintivo. Se não tiver amor, não vale de nada (cf. 1Cor 13,3) tudo o que fizermos. E o amor-caridade (*agape*) nasce da experiência primeira de sermos amados radicalmente pelo próprio Deus. “De tal modo Deus amou o mundo, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). E transborda em nós, quando somos capazes de amar sem esperar nada em troca: “pois **eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e viestes até mim**” (Mt 25,35-36). O agir da CF 2023 se situa no horizonte das obras de misericórdia, pelas quais seremos julgados no último dia.

160. “A caridade não é um luxo, é uma condição de sobrevivência para um elevadíssimo número de seres humanos”.¹⁰⁸ “Na consciência da comunidade de fé, vão ficando cada vez mais claros dois níveis de ação, necessários e inseparáveis, no serviço da fraternidade: a **ajuda fraterna** ao irmão que sofre e o **empenho na construção de estruturas sociais justas** que permitam a todos os homens viver com dignidade”.¹⁰⁹ Hoje, afirmamos que nossa ação deve contemplar **três níveis: assistencial, promocional e sociopolítico**. É preciso alimentar o faminto hoje, no momento da fome, pois “quem tem fome, tem pressa” (Betinho). Importa, contudo, sempre indagar a respeito das causas da fome, trabalhando pelas garantias de alimentação para o faminto e a sua família. O faminto precisa, sobretudo, recuperar a dignidade, o que só acontece quando lhe é devolvida a capacidade de ganhar o pão com o suor do seu rosto. Ações assistenciais são importantes na medida em que respondem a situações emergenciais.

108 PONTIFÍCIO CONSELHO COR UNUM. **A fome no mundo**. Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário. Cidade do Vaticano, 1996, n. 11.

109 CNBB. **Pão para quem tem fome**. Campanha da Fraternidade 1985, n. 78.

Não podem, entretanto, ser as únicas no enfrentamento da fome. São necessárias políticas públicas, principalmente de Estado, e investimentos a partir da responsabilidade social das empresas. Mais ainda, é preciso que as ações mudem a realidade social, trazendo para o centro a pessoa humana e a sua dignidade, buscando a superação de uma sociedade de famintos.

161. Em 1979, a Igreja no Brasil assim se manifestava, nos *Subsídios para uma Política Social*: “Estudos já preparados pelo IBGE demonstram que a alimentação de 80% dos brasileiros se reduz a oito alimentos básicos. Garantir a estabilidade dos preços dos mais essenciais equivaleria a uma importante contribuição para a defesa dos salários reais. Medidas equivalentes poderiam se estender aos setores de saúde e vestuário, sem mencionar as medidas anunciadas em favor da habitação popular. A viabilização de medidas como as sugeridas supõe a coragem do governo e sua imaginação criadora, para gerar estímulos em favor dos investimentos populares para destinação coletiva e social”.¹¹⁰

162. “Quando estive no Brasil (1980), o Papa São João Paulo II, em Teresina, viu, em meio à multidão, um cartaz com os dizeres: ‘Santo padre: o povo passa fome’. Ele não se conteve e exclamou: ‘**Fome de Deus, sim; fome de pão, não.**’ O Papa expressou o projeto de Deus para a humanidade, que é buscar a Deus para amá-lo e conviver como irmãos, na partilha do pão e do coração: Fraternidade universal”.¹¹¹ Por isso, deve sempre ecoar em nossos ouvidos a pergunta de São João Paulo II no início deste milênio: “**Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde se abrigar?**” (NMI, n. 50).¹¹²

110 CNBB. *Subsídios para uma Política Social*. (Estudos 24). Brasília: Edições CNBB, 1979, n. 51-52.

111 CNBB. *Fome de pão: não!* Por Dom Pedro Carlos Cipolini, em 3 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/fome-de-pao-nao/>. Acesso em 3 de maio de 2022.

112 JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*: no termo do grande Jubileu do ano 2000. (Cartas Apostólicas). Vaticano, 6 de janeiro de 2001.

163. “A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas. Nessa tarefa e com criatividade pastoral, devem-se elaborar ações concretas que tenham incidência nos Estados para a aprovação de políticas sociais e econômicas que atendam às várias necessidades da população e que conduzam para um desenvolvimento sustentável. Com ajuda de diferentes instâncias e organizações, a Igreja pode fazer permanente leitura cristã e aproximação pastoral à realidade de nosso continente, aproveitando o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja” (DAp, n. 402-403).¹¹³

164. Não dá para correr o risco de ouvir do Senhor: “pois eu estava com fome, e não me destes de comer” (Mt 25,42). É preciso empenho pessoal, comunitário-eclesial, social e político para superar a fome no nosso País. Os padres do Concílio Vaticano II, nos recordaram: “Sendo tantos no mundo os que são oprimidos pela fome, o Sagrado Concílio insiste com todos, indivíduos ou autoridades, que, lembrados da sentença dos padres: ‘Alimenta quem está morrendo de fome, porque se não o nutriste o mataste’” (GS, n. 69).

165. Por isso, cada pessoa, grupo, comunidade e instituição é convocada a discernir a respeito do que pode fazer diante do flagelo da fome. Para ajudar, são aqui elencadas algumas sugestões para a ação nos diversos âmbitos, sem a intenção de esgotá-las:

166. Propostas de AÇÃO PESSOAL: o que eu posso fazer?

1. **Partilhar** do muito ou do pouco que se tem com aqueles que mais necessitam;
2. **Praticar** a partilha na família, na escola, no trabalho etc.;
3. **Jejuar** em atitude solidária com aqueles que pela miséria são obrigados ao jejum;
4. **Converter** o resultado do seu jejum e da sua penitência quaresmal também em alimento para quem precisa;

¹¹³ CELAM. **Documento de Aparecida:** Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília-São Paulo: Edições CNBB-Paulus-Paulinas, 2008.

5. **Questionar** o próprio estilo de vida e de alimentação;
6. **Ser solidário(a)** com os que passam fome aguda – jamais renunciar à solidariedade;
7. **Colaborar** nas campanhas de arrecadação de alimentos de entidades sérias e transparentes;
8. **Abolir** o desperdício de alimentos, estabelecendo práticas de reaproveitamento saudável;
9. **Realizar** uma doação significativa para a Coleta Nacional da Solidariedade, no Domingo de Ramos;
10. **Participar** dos conselhos de direitos (humanos, da criança e do adolescente, da juventude, da pessoa idosa, de saúde...);
11. **Praticar** o voluntariado;
12. **Envolver-se** nos trabalhos e nas ações que já existem na comunidade, como a Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP), o Serviço da Caridade, as Pastorais Sociais, a Caritas etc.;
13. **Preparar** uma refeição saudável e nutritiva no domingo de Páscoa e convidar uma família carente;
14. **Participar** mais ativamente das discussões sociais de políticas públicas;
15. **Envolver-se** na política com espírito cristão, não lavando as mãos como Pilatos nem difundindo a ideia errônea de que política não presta nem é lugar de cristão;
16. **Tomar maior conhecimento e envolver-se** nas iniciativas públicas (governamentais ou não) de combate à fome e à pobreza em seu município;
17. **Apoiar e participar** de alguma pastoral social em sua paróquia.

167. Propostas de AÇÃO COMUNITÁRIO-ECLÉSIAL: o que nós – Comunidade-Igreja – podemos fazer?

1. A Campanha da Fraternidade propõe anualmente **um gesto comum a todas as comunidades**. É a **Coleta Nacional da Solidariedade**, realizada no **Domingo de Ramos**. Dos recursos arrecadados, 60% permanecem na Diocese e compõe o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS). Os outros 40% são

- enviados à CNBB, fazendo parte então do Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) que, por meio de um conselho gestor, cuida para que a oferta de pessoas e comunidades seja partilhada entre os que mais precisam. A cada ano são recebidos e analisados projetos ligados ao tema da Campanha da Fraternidade;
2. **Fazer um levantamento**, com participação ativa das pessoas e grupos da comunidade, das pessoas e famílias que passam fome ou outra necessidade, observando suas condições de vida, questionando o que as levou a essa situação e iluminando essa realidade com a Palavra de Deus;
 3. **Realizar** murais, na igreja, centros de catequese, cozinhas comunitárias etc., que alertem, com notícias atuais, a respeito da situação da fome na comunidade;
 4. **Articular** os Meios de Comunicação e as mídias digitais de inspiração católica para divulgar ações inspiradoras que já estão sendo feitas na superação da miséria e da fome;
 5. **Promover** rodas de conversa com pessoas que já experimentaram na própria pele o flagelo da fome e seminários de partilha do que já está sendo feito a fim de inspirar novas ações transformadoras;
 6. **Acolher, valorizar e incrementar** a prática das hortas comunitárias e outras iniciativas em favor de uma alimentação saudável e compartilhada;
 7. **Conectar** as comunidades eclesiais, paróquias, movimentos, associações e dioceses às experiências de enfrentamento à fome desenvolvidas pelos Movimentos Populares, abrindo o ambiente eclesial para a partilha de ideias e a implementação de projetos e iniciativas comuns;
 8. **Desenvolver**, ao final das Celebrações, ações de geração de renda e trabalho cooperado, como pequenas feiras de produção agroecológica e cooperativismo;
 9. **Promover**, através de investimento financeiro e pessoal, o Serviço da Caridade e as Pastorais Sociais que atuam diretamente na superação da desigualdade social e da fome;

10. **Avaliar** os serviços caritativos a partir das seguintes questões: o pobre é respeitado em sua dignidade? Ele é apenas beneficiário passivo de ajuda? Qual a sua margem de participação e responsabilidade? O serviço prestado guarda algum resquício de superioridade ou prepotência? Junto à ajuda concreta é feito algum estudo sobre as causas da pobreza no lugar?¹¹⁴
11. **Realizar** encontros com catequistas, catequizandos, ministros extraordinários da sagrada comunhão, equipes de liturgia e celebração e agentes das mais diversas pastorais sobre a relação Eucaristia e fome;
12. **Envolver-se** em iniciativas ecumênicas e interreligiosas de mobilização da sociedade para a superação da miséria e da fome e a promoção da agricultura familiar agroecológica;
13. **Conhecer e dialogar** com experiências que estão sendo feitas nas mais diversas instituições, mesmo as não católicas;
14. **Motivar** os fiéis à participação nos conselhos de direitos (humanos, da criança e do adolescente, da juventude, da pessoa idosa, de saúde...);
15. **Incentivar** o voluntariado em ações humanitárias no campo da assistência;
16. **Levar** pessoas e grupos religiosos para realizar ações concretas em áreas de exclusão;
17. **Divulgar** as boas experiências na promoção do bem-viver;
18. **Fazer eco** às vozes que se levantam contra a fome, promovendo o seu testemunho;
19. **Promover** as “sextas-feiras da fraternidade”, a exemplo que fez o Papa nas “sextas-feiras da misericórdia”;
20. **Valorizar** com planejamento e execução a Jornada Mundial dos Pobres (na semana que precede o 33º Domingo do Tempo Comum) em âmbito comunitário, paroquial, diocesano, regional e nacional;

¹¹⁴ Estas questões constam nas propostas do agir da CF 1985: “Pão para quem tem fome”.

21. **Educar** para a solidariedade permanente e não apenas ocasional, por ocasião das grandes catástrofes ambientais;
22. **Investir e apoiar** as Casas de Francisco e Clara que estão surgindo no Brasil, como espaços de acolhida e promoção de ideias e ações, em vista de uma economia inclusiva, a partir da Economia de Francisco e Clara;
23. **Criar** escolas ou grupos de Fé e Política ou de Fé e Cidadania, fundamentados na Doutrina Social da Igreja;
24. **Cuidar** para que as festas das comunidades e paróquias sejam ocasião de promoção de uma alimentação saudável e nutritiva, aproveitando os produtos da terra;
25. **Examinar** se os programas culinários das nossas TVs de inspiração católica estão a serviço da verdadeira nutrição ou se servem ao mercado, deixando de lado os pobres, que nunca poderão fazer suas receitas;
26. **Propor** às TVs de inspiração católica a realização de programas culinários voltados para receitas que permitam aos mais pobres alimentar-se de modo simples e saudável;
27. **Realizar** ao menos uma Semana Social por ano em cada Diocese, vivenciada por todas as paróquias, movimentos, associações e seminários, numa articulação formativa, reflexiva e celebrativa profunda e fecunda;
28. **Promover sistematicamente**, nos diversos níveis da vida eclesial, formações sobre a Doutrina Social da Igreja, não se contentando apenas com introduções isoladas, mas a partir de encontros e escolas formativas mais frequentes, perpassando pouco a pouco seus principais elementos, a fim de que seja compreendida, assimilada e vivida a dimensão social do Evangelho e a Doutrina Social da Igreja seja, de fato, assumida como uma autêntica prioridade pastoral para os nossos tempos;
29. **Manter** abertas as portas de nossas igrejas para o acolhimento imediato e também para o cuidado sistemático dos pobres e necessitados, atendendo o apelo pastoral da exortação *Evangelii*

Gaudium (n. 2, 17, 46-49) e aprendendo com os irmãos e as irmãs que em nosso País já fazem isso cotidianamente.

168. Propostas de AÇÃO SOCIOPOLÍTICA: o que nós – sociedade cidadã – podemos fazer e cobrar daqueles que elegemos para nos governar mediante cargos públicos?

a) Sociedade Civil:

1. **Despertar** as pessoas através de capacitação, a fim de estancar a continuidade da miséria e da fome;
2. **Propor** o tema da fome nas associações de bairro, sindicatos, partidos políticos, câmaras municipais, estaduais e federal;
3. **Ouvir** os pobres e famintos;
4. **Promover** o voluntariado no campo da assistência social;
5. **Realizar** pesquisas que levem à produção e comercialização de alimentos saudáveis, mais baratos e abundantes para a mesa do pobre;
6. **Fiscalizar** a aplicação do orçamento público, especialmente no que tange a ação social;
7. **Realizar**, a partir dos CRAS — Centros de Referência da Assistência Social —, ações de solidariedade em áreas de grande carência, envolvendo as mais diversas pessoas e instituições da sociedade;
8. **Organizar** grupos de orientação e educação alimentar, economia doméstica, horta em casa etc., oferecendo dicas práticas para conservar alimentos, para prepará-los mantendo o valor nutricional e para comprar sem gastar muito;
9. **Promover** audiências públicas que discutam a situação da fome, suas causas, consequências e, sobretudo, as soluções para esse flagelo;
10. **Desenvolver** atividades interdisciplinares nas escolas sobre o tema da fome;
11. **Organizar** hortas comunitárias, envolvendo as pessoas aposentadas;

12. **Cuidar** nas festas populares e das escolas para que haja comida saudável e nutritiva e se aproveitem os produtos da terra.

b) Governo Municipal:

1. **Implementar** políticas públicas municipais eficazes para erradicação da fome;
2. **Incentivar** a produção diversificada de alimentos na agricultura familiar;
3. **Investir** na alimentação escolar, uma vez que ela é a única refeição saudável de muitas crianças;
4. **Valorizar** a compra de alimentos da agricultura familiar para merenda escolar;
5. **Promover** o abastecimento popular: a comida produzida no campo precisa chegar às periferias, sem muitas mediações;
6. **Ampliar** os mercados populares de alimentos e as feiras livres populares, investindo numa logística de armazenagem, transporte, conservação etc. através de políticas públicas;
7. **Combater** os lixões ilegais, em que as pessoas vivem em situação análoga à escravidão, e dar a quem lá frequenta condições dignas de habitação, emprego e alimentação;
8. **Estimular** o pequeno produtor e o pequeno comércio.

c) Governo Estadual:

1. **Implementar** políticas públicas estaduais, eficazes, para erradicação da fome;
2. **Investir** na alimentação escolar, uma vez que ela é a única refeição saudável de muitas crianças;
3. **Incentivar** a produção diversificada de alimentos na agricultura familiar;
4. **Promover** o abastecimento popular: a comida produzida no campo precisa chegar às periferias, sem muitas mediações;
5. **Estimular** o pequeno produtor e o pequeno comércio.

d) **Governo Federal:**

1. **Priorizar** a vida de todos os cidadãos aos interesses econômicos e às dívidas públicas;
2. **Implementar** políticas públicas de Estado, eficazes, para erradicação da fome;
3. **Investir** no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), uma vez que a merenda escolar é a única refeição saudável de muitas crianças;
4. **Retomar** os programas de aquisição de alimentos e os estoques públicos reguladores e estratégicos, empresas públicas que controlem o abastecimento, pois a inflação vem da demanda e da especulação;
5. **Criar** uma agência nacional que regule a alimentação, garantindo uma alimentação saudável ao povo brasileiro;
6. **Garantir** uma política de preços para a cesta básica que seja acessível a toda população;
7. **Incentivar** a produção diversificada de alimentos na agricultura familiar;
8. **Estimular** o pequeno produtor e o pequeno comércio;
9. **Realizar** uma justa reforma do sistema tributário nacional que não pese sobre os mais pobres, mas promova a responsabilidade social das grandes fortunas e do rentismo;
10. **Corrigir** o valor *per capita* repassado pelo Fundo Nacional de Educação (FNDE) para os municípios, a fim de ampliar a capacidade das escolas de prover a alimentação escolar e assegurar uma melhor qualidade dos alimentos adquiridos;

169. O Encontro Nacional Contra a Fome, realizado de 20 a 23 de junho de 2022, no Rio de Janeiro, aprovou **10 medidas prioritárias para vencer a fome**. Estas medidas podem fazer parte das sugestões para o discernimento do nosso agir.¹¹⁵

115 Mais informações no site: <https://www.encontrocontraafome.org.br/>.

170. “Não será fácil avançar, porém, neste difícil caminho, no caminho da indispensável transformação das estruturas da vida econômica, se não intervier uma verdadeira conversão das mentes, das vontades e dos corações. A tarefa exige a aplicação decidida de homens e de povos livres e solidários” (RH, n. 16).

171. Nossos esforços, por fim, se somam ao esforço de uma Igreja Sinodal, proposta pelo Papa Francisco por ocasião do Sínodo 2021-2023, e nesse sentido, provocam um movimento por uma **sinodalidade econômica**, na qual a comunidade de fé se desenvolve, envolvendo-se na construção de um mundo que tenha pão pra quem tem fome e fome de justiça pra quem tem pão.

CONCLUSÃO

*“Todos comeram e **ficaram saciados**, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios” (Mt 14,20).*

172. A organização e preparação dos animadores da CF nos seus vários níveis, comunitário, paroquial, diocesano, regional e nacional, é muito importante, bem como a sua divulgação nos mais diversos meios e veículos de comunicação, para que a campanha alcance o seu objetivo. Sem verdadeiro envolvimento de todos os atores eclesiais na organização, formação e divulgação, não há CF. Para tanto, todos os batizados e batizadas – animadores fundamentais da CF, devem unir-se neste serviço à comunhão da Igreja no Brasil. Todos nós, **caminhando juntos**, motivaremos nossas comunidades a assumir suas responsabilidades ante a situação de fome que persiste no nosso Brasil.

173. É importante encontrar e criar oportunidades para propor a reflexão da CF 2023 nas celebrações comunitárias, nas catequeses, nos conselhos diocesanos, paroquiais e comunitários, nos encontros e reuniões de grupos pastorais e movimentos eclesiais, nas escolas e nas câmaras legislativas. O que importa é insistir no que é a CF em si mesma — um instrumento de comunhão eclesial, de formação das consciências e do comportamento cristão e de edificação de uma verdadeira fraternidade cristã entre os brasileiros — e no que ela quer dizer especialmente neste ano: **“Dai-lhes vós mesmos de comer”** (Mt 14,16).

174. Trata-se de uma Campanha, ou seja, de um conjunto de reflexões e ações que deve envolver o todo da Igreja, transbordando para o todo da sociedade. É uma ação da pastoral orgânica da Igreja! Um esforço de evangelização e educação, que busca gerar convicções e atitudes evangélicas. “A CF deverá ser muito mais ampla e profunda, constituindo-se simultaneamente em organização e oração,

em pregação e música, em cartaz e aula, em contatos com pequenos grupos e mensagens para o grande público, em proclamação de princípios e escolhas de gestos e projetos concretos. Tudo isso quer levar a uma conversão, a uma superação do resistente egoísmo e do fatal individualismo, a uma vida de amor fraterno e de engajamento comunitário”.¹¹⁶

175. Que Maria, nossa Mãe, a qual declarou no seu *Magnificat* que Deus “encheu de bens os famintos” (Lc 1,53) interceda por nós, para que sejamos instrumentos de Deus a realizar esta obra de sua misericórdia.¹¹⁷

Mãos à obra!

É o Senhor quem nos envia!

116 CNBB. **Repertir o pão.** Campanha da Fraternidade 1975, n. 2.4.

117 Inspirada na carta de Margarida Maria M. C. Lemos, datada de 11 de maio de 2022, com sugestões para a CF 2023, de onde também aproveitamos diversas sugestões para o Agir.

ANEXOS

Anexo 1 – Documentários, filmes, músicas e poesias sobre a fome

Documentários

- A mira nos invisíveis: <https://youtu.be/tDS3m6PanDc>
- A potência do agronegócio que passa fome: <https://www.youtube.com/watch?v=VJxYKSQYLlw>
- A história da fome no Brasil : Documentário: <https://youtu.be/k-dnlpn1erQ>
- Fome oculta – parte 1: <https://youtu.be/ypvBPLtsXaU>
- Fome oculta – parte 2: <https://youtu.be/p4QDCPtufmY>
- Alimento Direito Humano - Prefeitura de Contagem: <https://youtu.be/t4Ii49xwcAM>
- O Brasil está de volta ao mapa da fome - Dose de Atualidades - Enem 2021: <https://youtu.be/3JukBDtw4Yc>
- Fome e insegurança alimentar no Brasil: <https://youtu.be/csaa4wxRIb0>
- Brasil em Questão #14: Insegurança alimentar: <https://youtu.be/QZsitf0RTNk>
- Cultura do Desperdício – Por uma sociedade mais consciente: <https://youtu.be/EDBEDtGH-8k>
- Como Reduzir o Desperdício Alimentar em Casa? <https://youtu.be/dvzdHbrsdfY>
- O que é a Agenda 2030? <https://youtu.be/j8L1CcanjT8>
- Cómo podemos frenar el desperdicio de comida? <https://www.youtube.com/watch?v=Rdp87K-SiBg&t=104s>

Filmes

- Fome (Cristiano Burlan) 2015, 90 min, Brasil (Trailer Oficial): <https://www.youtube.com/watch?v=Aft9DzZUcP8&t=112s>

Músicas

- Seu nome é Jesus Cristo e passa fome (Estéfano Rutuna, Jadiel e Nei Araujo): <https://www.youtube.com/watch?v=OwvYtpCqySU&t=8s>
- Oração dos pobres sem voz nem vez (Pe. Zezinho): <https://www.youtube.com/watch?v=ICvS5z7OHyA>
- Pão em todas as mesas (Zé Vicente): <https://www.youtube.com/watch?v=jGuaLNXVn-s>
- Dime como ser pan (Salomé Arricibita/Maria Rosa Marco Poque): <https://www.youtube.com/watch?v=LK01D48OBVM>
- Los favoritos de Dios (Luis Guitarra): <https://www.youtube.com/watch?v=uipJQbZnpEY>
- Gente (Caetano Veloso): <https://www.youtube.com/watch?v=nrzYbc3rWzc>
- Sementes (Emicida & Drik Barbosa): <https://www.youtube.com/watch?v=C7l0AB--I3c>
- Comida (Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Sérgio Brito): <https://www.youtube.com/watch?v=n1iEv0WPVM0>
- Tem Gente Com Fome (Ney Matogrosso): <https://www.youtube.com/watch?v=m875DxbPcKY>
- A fome no Nordeste (Luiz Vieira): <https://www.youtube.com/watch?v=Hi1yK35IzRg>
- Quem tem fome, tem pressa (Xande de Pilares, Gilson Bernini, Emicida e Mosquito): <https://youtu.be/cu-JBXjiwqY>

Poesias

Tem gente com fome – Solano Trindade

A Fome – Vera Lucia de Oliveira

Rodando – Adélia Prado

Cordel envenenado – Fernando Campanella

Não é ficção nem simbologia – Graça Pires

O Bicho – Manuel Bandeira

Morte e Vida Severina – João Cabral de Melo Neto

É isto um homem? – Primo Levi (1919-1987)

Fome – Bráulio Bessa

Fome – Graça Pires

Em lugares desabrigados – Graça Pires

Lado a lado com os poemas – Graça Pires

Kyrie – Ary dos Santos

Anexo 2 – Fundo Nacional de Solidariedade

INTRODUÇÃO

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, reunida em sua 36ª Assembleia Geral, em 1998, instituiu o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) e o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS), com o objetivo de promover a sustentação da ação social da Igreja Católica no Brasil.

O Fundo Nacional e o Fundo Diocesano de Solidariedade destinam-se ao atendimento de ações e projetos sociais em território brasileiro. O Fundo tem procurado responder a cada ano às necessidades mais urgentes do momento, sempre que possível considerando a realidade nacional.

Seus recursos provêm da Coleta da Solidariedade, realizada em todas as comunidades do Brasil no Domingo de Ramos. A composição do fundo é distribuída da seguinte forma:

- **60%** do total arrecadado, nas dioceses, constituem o **Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS)**, gerido pela própria diocese, em vista de ser aplicado nas ações e projetos sociais diocesanos;
- **40%** do total arrecadado, em cada diocese, constituem o **Fundo Nacional de Solidariedade (FNS)**, gerido pelo Departamento Social da CNBB, sob a orientação de seu Conselho Gestor para ser aplicado em ações e projetos sociais, nos âmbitos nacional, regional e local.

A Coleta Nacional da Solidariedade acontece todos os anos no Domingo de Ramos, como gesto concreto da Campanha da Fraternidade.

A aplicação dos recursos obedece rigorosamente aos eixos determinados no edital publicado a cada ano, com importância decrescente,

bem como aos aspectos técnicos, administrativos e jurídicos. Exige ainda o acompanhamento das realidades sociais e humanitárias, da legislação brasileira e das orientações doutrinárias da Igreja Católica no Brasil.

1. CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO E APROVAÇÃO DE PROJETOS

O cadastro da entidade e de seu respectivo projeto no sistema FNS caracteriza a aceitação e o conhecimento das normas constantes no edital e a não concordância com as condicionantes nele descritas acarreta o seu cancelamento.

O processo de seleção de Projetos Sociais por meio do Conselho Gestor se dá de acordo com as normas descritas no edital. Serão priorizados os projetos que estejam em sintonia com os objetivos gerais e objetivos específicos da Campanha da Fraternidade, de cunho essencialmente social, de defesa incondicional da vida e dos princípios cristãos.

Podem enviar projetos para o FNS entidades sociais sem fins lucrativos, confessionais ou não, com sua situação fiscal regular, e que estejam habilitadas a trabalhar com a temática proposta pela CF 2023 – “Fraternidade e Fome”.

2. CONSELHO GESTOR

Membros:

- 1) Dom Joel Portella Amado, Secretário-Geral da CNBB;
- 2) Dom José Valdeci Santos Mendes, Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Transformadora;
- 3) Mons. Nereudo Freire Henrique, Ecônomo da CNBB;
- 4) Pe. Patriky Samuel Batista, Subsecretário-Geral da CNBB e Subsecretário-Geral para as campanhas da CNBB;
- 5) Pe. Jean Poul Hansen, Assessor para as campanhas da CNBB;

6) Fr. Olávio José Dotto, OFM, Assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Transformadora;

7) Pe. Agenor Guedes Filho, representante dos secretários executivos dos Regionais.

Assessoria:

1) Sra. Aldiza Soares da Silva, assistente social Coordenadora do Setor Social da CNBB;

2) Sr. Franklin Queiroz, encarregado do Departamento Social / Coordenador de projetos – FNS/CNBB.





www.edicoescnbb.com.br

HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

L.: Clark Victor Frena e Geovan Luiz Alberton

1. Vocação e missão da Igreja:

Responder ao apelo do Senhor (cf. Mt 14,16b)

De sermos no mundo a certeza

Da partilha, milagre do amor (cf. Mt 14,13-21).

R. Ó Bom Mestre, a vós recorreremos (cf. Mt 14,13b)

Ajudai-nos a fome vencer

Recordai-nos o que nós devemos:

“Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16b).

2. Jesus Cristo, Pão da vida plena, (cf. Jo 6,35)

Em sua mesa nos faz assentar (cf. 1Sm 2,8)

E sacia a nossa pobreza

Para um mundo mais justo formar.

3. Unidos nesse tempo propício

De jejum, oração, caridade, (cf. Mt 6,1-18)

Recordemos, pois é nosso ofício

Cultivar e plantar a bondade.

4. A ausência da fraternidade

Nos leva a desviar o olhar (cf. Sr 4,5)

Do irmão que tem necessidade

De valor, alimento e lugar.

5. A fome agravada no mundo,

Vem de uma visão arrogante (cf. Pr 21,24)

A carência do amor mais profundo (cf. 1Jo 4,20-21)

Que nos torna irmãos tão distantes.

6. Nas cidades e em todo lugar,

Que se abra o nosso coração (cf. Ef 1,18)

À alegria de poder partilhar (cf. At 2,42)

O pão nosso em feliz oração (cf. Mt 6,11).

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

2023

Fraternidade e Fome

"Dai-lhes vós mesmos
de comer!"

**TEMOS UMA LINHA COMPLETA DE SUBSÍDIOS
PARA APOIÁ-LO NESSA MISSÃO.**

LIVROS

- MANUAL
- TEXTO-BASE
- VIA-SACRA
- CELEBRAÇÃO ECUMÊNICA
- CF EM FAMÍLIA e VIA-SACRA
- CF NA CATEQUESE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES
- CF NA ESCOLA - ENSINO FUNDAMENTAL (1º ao 5º ano)
- CF NA ESCOLA - ENSINO FUNDAMENTAL (6º ao 9º ano)
- CF NA ESCOLA - ENSINO MÉDIO
- CF NA UNIVERSIDADE
- CÍRCULOS BÍBLICOS
- FRATERNIDADE E FOME NA AMAZÔNIA
- FRATERNIDADE E FOME: ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA
- FRATERNIDADE VIVA
- JOVENS NA CF
- RETIRO POPULAR QUARESMA
- VIGÍLIA EUCARÍSTICA E CELEBRAÇÃO DA MISERICÓRDIA

OUTROS MATERIAIS

- CARTAZ (PEQUENO - MÉDIO - GRANDE)
- CADERNO DE CIFRAS E PARTITURAS
- ADESIVOS
- BANNERS (PEQUENO - MÉDIO - GRANDE)
- PÔSTERS - ESTAÇÕES DA VIA-SACRA
- CD OFICIAL

ISBN 978-65-5975-122-8



9786559 751228